

28 - VII - 1951

**A CORRIDA
da MORTE**

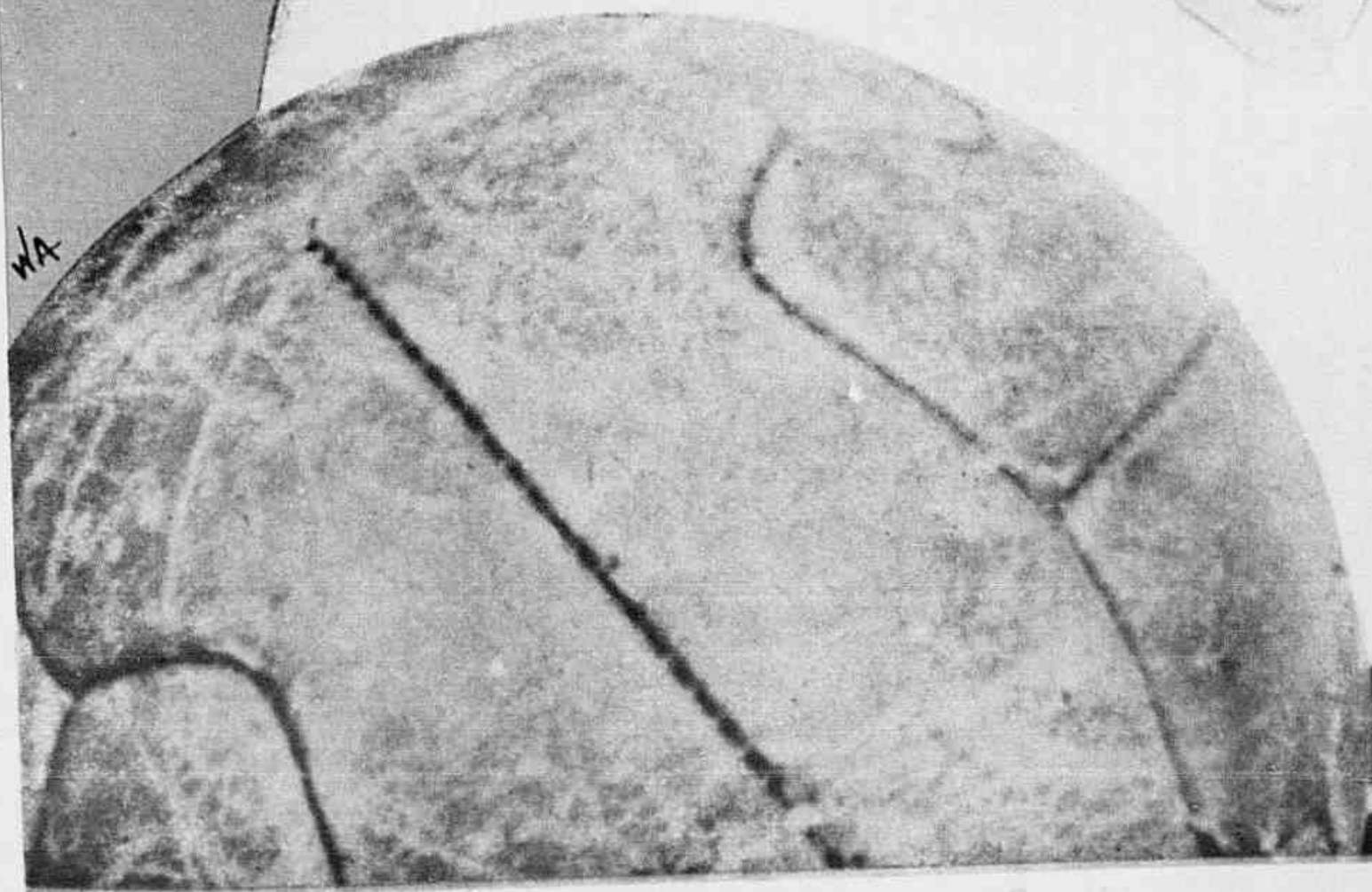
O HOMEM QUE PAGARIA
MILHÕES *para* JOGAR!

Cr\$ 3,00
★

O QUE NOS
ENSINOU
A
COPA
RIO

QUANDO
O FUTEBOL
ACABAR...
★

o
BRIA
de 1944



ESQUERDINHA

QUANDO ESQUERDINHA JOGA CONTRA O AUGUSTO DO VASCO A TORCIDA SABE QUE VAI TER COM QUE SE DIVERTIR ...

TODA A TORCIDA ESTÁ GOSANDO A SUA CARECA!

E' A VOCÊ "SELI" PALHAÇO! VOCE E' MAIS CARECA DO QUE EU!!



PODE SER QUE NÃO SEJA VERDADE MAS TODA VEZ QUE O ESQUERDINHA ENCONTRA UM MARCADOR...

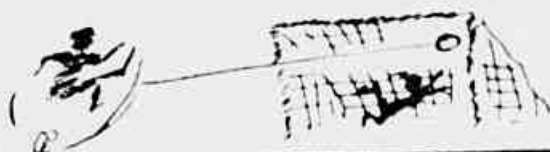
CABELUDO... SOLTA O PE' NÊLE... DIZEM QUE POR DESPEITO...



FALAM DA CANHOTA DO ESQUERDINHA, MAS A VERDADE E' QUE ELA E' UMA DAS MAIS POTENTES DO BRASIL.



NA EUROPA MARCOLI GOALS ESPETACULARES



AGORA ESQUERDINHA APARECE COMO CRONISTA ESPORTIVO ESCRIVENDO EM UM DIÁRIO...

AGORA RI-MO A OUTROS SUCESSOS...



DE OTÉLO

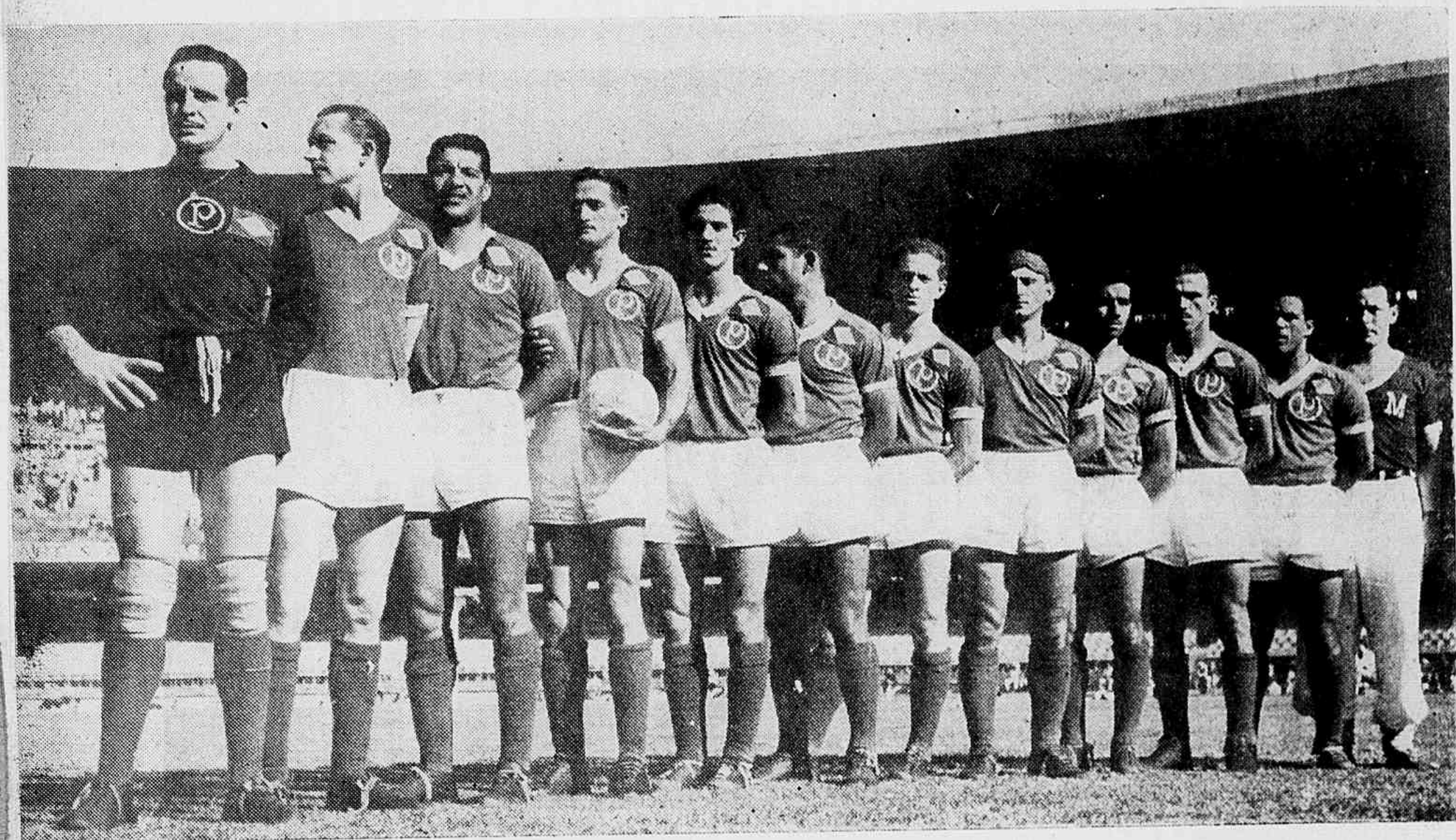


A OPORTUNIDADE PERDIDA

○ VASCO era, sem favor, o grande favorito da Copa Rio. Depois de conquistar o título de bi-campeão carioca, teve uma fase ruim no Torneio Rio-São Paulo, dando a impressão que o team estava acabando ou que a saída de Flávio tinha sido decisiva. Mas veio a grande vitória de 3x0 sobre o Penarol, em Montevideu e a confirmação de 2x0 no Maracanã, além do sucesso pelo score de 4x0 sobre o Arsenal. Voltara a forma e mesmo depois do desfalque de Ademir — em consequência da temporada em Recife — a torcida confiava no esquadrão cruzmaltino. Na parte de classificação do torneio mundial, o Vasco começou vencendo o Sporting por 5x1, o que estava mais ou menos dentro dos cálculos. Depois surgiu o Austria e o Vasco teve uma vitória sensacional, marcando novamente a contagem de 5x1, sobre uma equipe que acabara de derrotar o Nacional por 4x0. O campeão uruguaio, a seguir, foi também vencido por 2x0. Semi-finalistas, os cruzmaltinos tiveram pela frente o Palmeiras, que acabava de ser vencido por 4x0, em São Paulo, pelo Juventus. Favorito, o Vasco não conseguiu evitar o revés no primeiro encontro, jogando uma partida ruim. Havia, porém, a "chance" do segundo encontro, embora o Palmeiras tivesse a favor o empate. Repetindo a sua performance falha, os cruzmaltinos permitiram que a contagem não fosse aberta, deixando ao Palmeiras a representação do futebol brasileiro no final na Copa Rio. Foi uma grande oportunidade perdida pelo Vasco, que tinham conquistado o direito de ser o detentor do troféu tanto mais que conseguira sucesso no primeiro certame de campeões internacionais, no ano de 1948, em Santiago. Pela sua grande categoria, o team tinha tudo para obter mais um título importante. Infelizmente as coisas não saíram de acordo com as previsões, cedendo a vez ao Palmeiras. Isso, porém, não importa em afirmar que o team cruzmaltino tenha acabado. Há fundadas razões para que se confie nos seus jogadores, agora que estamos próximos do início do campeonato carioca. Perdida a oportunidade da Copa Rio, resta ainda ao Vasco o tri-campeonato e a torcida espera que o team obtenha completa reabilitação.



O MAIOR FEITO DO FUTEBOL BRASILEIRO



OS CAMPEÕES

Ai aparecem os campeões — os vencedores dos maiores campeonatos do mundo, os jogadores do Palmeiras, que souberam realizar uma conquista que pode ser apontada como o maior feito do futebol brasileiro de todos os tempos. Depois do fracasso do Campeonato do Mundo, vieram as temporadas brasileiras na Europa, com vitórias sucessivas, e agora o Palmeiras ratificou essa supremacia brasileira levada a campos da Europa pelos melhores quadros brasileiros. Assim, está confirmada a melhor qualidade do futebol brasileiro, que teve no finalista da Copa Rio um grande adversário. Ai estão os campeões — Fábio, Salvador, Juvenal, Túlio, Luiz Villa, Dema, Lima, Ponce de Leon, Liminha, Jair e Rodrigues.



Foram inextinguíveis as demonstrações de alegria dos palmeirenses e do público após a grande conquista da Copa Rio. A rigor as comemorações começaram naquele momento em que Liminha e Canhotinho rolaram lá dentro do goal de Viola, comemorando o goal do empate, que já era um prenúncio de vitória. Foi só lutar mais alguns minutos com fúria redobrada e a vitória explodiu em milhares de bocas, enquanto os jogadores brasileiros corriam pelo campo, no delírio do triunfo. Depois desses primeiros momentos de alegria, com a chegada das figuras do desporto brasileiro, com os abraços, com os cumprimentos de toda gente, os campeões começaram a posar. No clichê vemos Mexicano, o mascote do Palmeiras, Juvenal e Salvador. E depois a preciosa Copa Rio, tão bem conquistada pelo Palmeiras, ladeada por muita gente e por Jair e Juvenal. A Copa foi entregue pelo Sr. Mario Pollo a Jair, o maior crack do Palmeiras.

O GLOBO SPORTIVO

Revista semanal — Redação e Administração: Rua Itapiru, 1209 — Rio de Janeiro — Brasil — Caixa Postal 4602 — End. Telegráfico: "Globojuvenil" — Tel. 48-6287 — Direção de ROBERTO MARINHO e MARIO RODRIGUES FILHO — Superintendente: HENRIQUE TAVARES — Gerente: RUBENS DE OLIVEIRA — Secretário: ARTHUR THOMAZI — Serviço fotográfico de: INDAIASSU LEITE — e colaboração dos ilustradores: OTELO, VASQUEZ e GUTEMBERG — Número avulso: Cr\$ 3,00 — Assinaturas para todo o país — porte registrado: semestral: Cr\$ 80,00 — e anual Cr\$ 156,00; porte simples: semestral, Cr\$ 70,00 e anual Cr\$ 130,00

JULHO DE 1951

O GLOBO ESPORTIVO

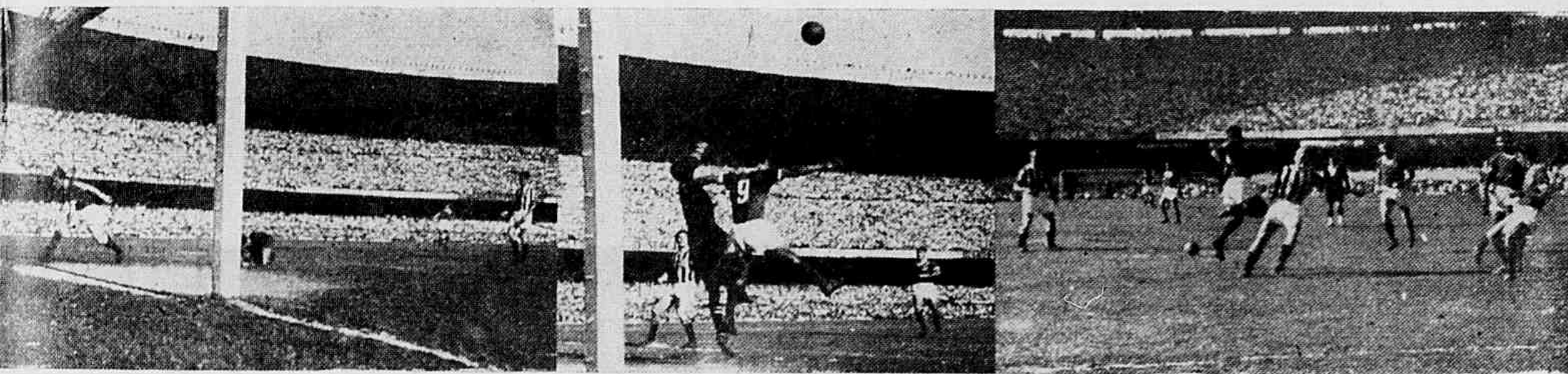
O EMPATE QUE CONQUISTOU A COPA RIO



O Palmeiras entrando em campo para escrever uma página gloriosa na história do futebol brasileiro, uma página de bravura, que desfez aquela impressão que já iam firmando como eternos favoritos. Finalmente disputamos um troféu mundial e o ganhamos, merecendo uma bravura impar dos jogadores do Palmeiras, que não se abateram em nenhum momento em que a pugna gigantesca do Maracanã esteve com tintas sombrias para as cores do team do Brasil. O Palmeiras ganhou a Copa valendo-se da chance do empate, mas teve a valorizar o seu grande sucesso o enfrentar um team que se revelou grande em todos os momentos.

A desclassificação do Vasco, um team paulista defendendo o prestígio do futebol brasileiro, no estádio carioca do Maracanã, tudo isso aconteceu para provar também o valor esportivo da torcida carioca, que esquecendo cores viu nos cracks do Palmeiras, apenas os cracks brasileiros, e compareceu em massa ao estádio, incentivando os nossos jogadores nos momentos difíceis e vibrando nos grandes goals que valeram pela conquista da Copa Rio. A torcida carioca foi participante em todos os detalhes da grande vitória do Palmeiras e vibrou sempre, com o maior dos entusiasmos.

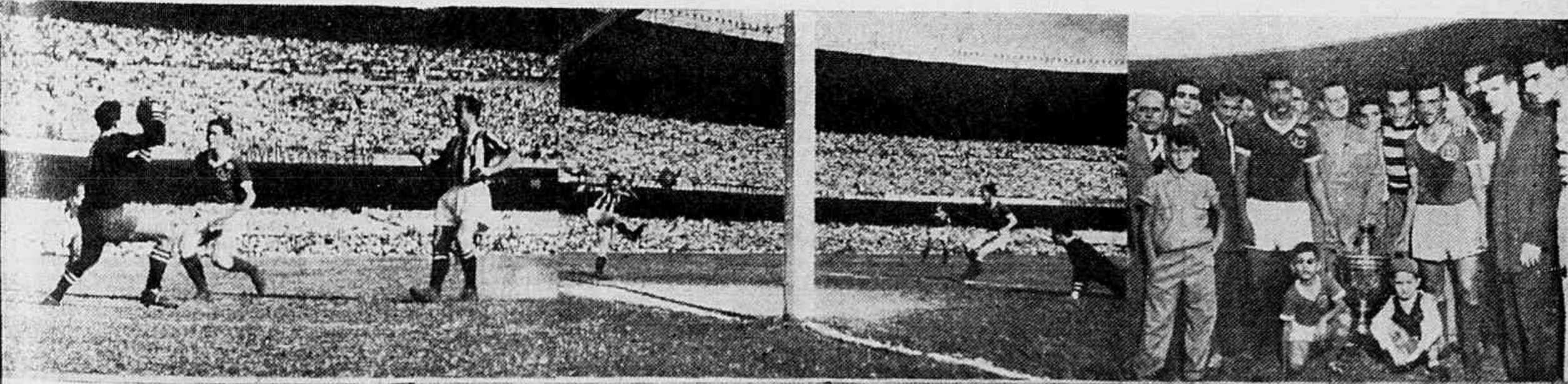
Os italianos do Juventus foram a campo preparados para arrancar uma vitória memorável no próprio estádio brasileiro. Qualidades todos lhes reconheciam e mais uma vez o quadro europeu fez alarde de um bom futebol, sempre técnico e perigoso. Os seus jogadores, apesar de atravessarmos o inverno, foram a campo munidos de limões, que sempre que possível, tiravam dos calções e chupavam, para minorar a secura da garganta, determinada não só pelo relativo calor reinante, como pelo calor maior da partida...



Desta vez, o Palmeiras demonstrou haver aprendido a lição da Copa do Mundo, embora o Vasco é que tenha incidido no erro... Mas ganhando a primeira partida da decisão, por sinal que sem as facilidades de um grande placard, foi a campo certo de que teria de lutar bravamente pelo simples empate que lhe daria o título. E pensando em lutar, na hora esqueceu o empate e todos os seus jogadores deliraram bravura buscando uma vitória ainda mais meritória. Assim, o Palmeiras apesar de não atuar em dia excepcional, foi um team bravo, em que as falhas técnicas eram sempre corrigidas pelo coração.

E mesmo quando o Juventus respondeu à luta do Palmeiras com o primeiro goal, e quando o Palmeiras empatando, viu novamente o placard mudar para o adversário, nem assim o Palmeiras calu, nem assim viu a partida perdida. Tratou de se recompor e alguns minutos depois, refeito, voltou a pressionar sensacionalmente, pela conquista do empate que valeria a vitória. O sangue, o coração, valeram então contra o team que se mostrava dono de um tão bom futebol. Vieram as oportunidades, defendeu o keeper, a bola passou na trave, mas afinal veio o goal consagrador.

Vale a pena ressaltar mais ainda que o adversário do Palmeiras foi um grande quadro, que foi a campo com o firme propósito de vender caro a derrota. O team italiano foi tecnicamente o número um do certame e na partida decisiva lançou toda essa técnica, todo o valor internacional dos seus cracks de grande nome. Desde o goleiro, toda a defesa mostrou-se firme, e o ataque não perdeu nunca a visão do contra-ataque, quando mais desesperados eram os esforços dos brasileiros frente ao arco de Viola. E o torcedor teve a satisfação da Copa conquistada e de uma partida memorável na história do futebol.



O Juventus abriu a contagem aos deztoito minutos da primeira fase, quando Praest avançou e a defesa abriu inexoravelmente, tendo o meia esquerda dinamarquês chutado inteiramente livre. Fábio tentou desviar com os dedos mas falhou. No segundo tempo, logo aos três minutos Canhotinho chutou de repente, batendo a bola na trave e voltando a Rodrigues, que fulminou com potente tiro rasteiro. Mas cinco minutos depois Boniperti entrou para marcar o segundo goal, só surgindo o empate sensacional aos trinta e dois, quando Liminha passou por Bertucelli e Parola e quando Viola atirou-se a seus pés, ele encobriu-o saltando depois para empurrar a bola para o goal, enquanto Canhotinho entrava também para confirmar.

Analisando a atuação dos campeões dos campeões do mundo, tivemos em Fábio um arqueiro, sem a mesma segurança de antes, falhando mesmo nos dois goals. Juvenal falhou no primeiro tempo, quase levando também Salvador. Mas no final, a zaga entendeu-se e firmou-se. Tulio lutou tanto que desmaiou depois do apito. Luiz Villa foi a grande figura, um jogador completo. Dema foi um marcador cem por cento. Lima esteve apenas regular. Ponce de Leon esteve fraco e foi substituído, e Canhotinho deu nova vida ao ataque. Liminha foi um comandante técnico. Jair o maior crack em campo e Rodrigues com um goal magnífico e jogadas de campeão.

Viola foi outra vez a sensação do Juventus, embora tenha sido enganado por Liminha no segundo goal. Bertucelli e Parola uma grande zaga. Manente, um defensor duríssimo Bizzotto, o que menos apareceu, mesmo assim com qualidades. Mari lutou até o fim. Muccineli tudo fez para fugir a Dema, mas sem sucesso. Karl Hansen começou violento, passando depois a jogar mais futebol. Boniperti, é um comandante oportunista ao extremo. John Hansen igualmente violento, tendo partido a dentadura de Tulio com um soco. Praest, um ponteiro perigoso.



Quando os esforços de um jogador são anulados pela má sorte



COISA estranha a que se passou com Tesourinha, o ponteiro que tantas vezes foi titular da seleção brasileira, voltando sempre após campanhas internacionais, para o seu lugar no time do Internacional. Muitas foram as tentativas para trazer o crack para o futebol carioca, mas por oito anos os seus esforços foram todos dedicados ao futebol gaúcho. E dizer-se que Tesourinha era fortemente cobinado não é exagero algum, porque de fato o ponteiro sempre mostrou justificarse qualquer esforço de um grande clube pela sua conquista. No entanto, jogador de fama internacional, veio afinal ao Rio, certo de maiores glórias em horizontes mais largos, longe de saber que deixando Porto Alegre, lá ficou também sua boa estrela. Essa a grande desilusão de Tesourinha — haver gassado mais de ano e meio no futebol carioca sem haver acertado nunca, ele mesmo que tantas e tantas magníficas partidas realizou como ponteiro de scratch. E ele não sabe porque tanta má sorte. Esforços seus não faltaram e tudo fez para acertar no Vasco, mas até o menisco o atrapalhou, justamente às vésperas da Copa do Mundo.

PRINCÍPIO BOM, BONS PRESSÁGIOS

NO entanto, entre as suas lamentações, Tesourinha em dado momento levanta a cabeça e afirma que a má fase, embora longa, ele creê haja chegado o fim. Alenta-o a sorte que teve nos primeiros dias de sua carreira de jogador e que certamente voltará a bafejá-lo por muitos anos ainda. Naturalmente essa fase dura e que muita vez o levou quase ao desespero foi para dar valor maior aos momentos de glória, para poder gozá-los melhor se porventura voltarem a se reproduzir. E Tesourinha acha que já voltou a pisar o gramado com o pé direito. Relembrando bons tempos, ele conta como naquêlê ano que entrou para o Internacional, assinando ficha de simples juvenil, para terminar titular de primeiro time em poucos meses. Evidentemente uma grande chance, mais força de seus méritos do que realmente chance. Por certo, a sorte deu a sua mãozinha de ajuda. Mas daí em diante tudo que conseguiu foi esforço seu, apenas contando sempre com as melhores condições físicas. Assim foi até Santiago para o Sul-Americano, assim foi a Buenos Aires para o mesmo certame, e também veio ao Rio para a competição continental. As três Copas Rio Branco que disputou foram outras tantas jornadas de que guarda as melhores lembranças. O pior é que os bons momentos não esquentam muito lugar na memória e a gente só se lembra com certeza, muita abundância de detalhes, daquilo que nos aconteceu de ruim nesta vida. E assim é também Tesourinha, pois que, longe de se reanimar com essas reminiscências alegres, rematou com a afirmação, de forma grave, quase patética — "Pois é, tudo isso de bom aconteceu precisamente antes de eu vir para o Vasco; depois nada..."

O drama de

HISTÓRIA DE UM MENISCO AZARENTO

O MENISCO foi realmente um grande azar. Mas foi o remate, porque antes, Tesourinha já vinha dando suas terras no time do Vasco. Com oito anos de Internacional, sempre para vir a cada ano que passava, quando o clube gaúcho o soltou, todo mundo achou logo que havia dente de coelho, que o futebol de Tesourinha já não devia estar tão firme como o Pão de Açúcar. Talvez até ele já tenha vindo para cá sugestionado por isso. Se foi sugestão, custou caro, até lágrimas ao simpático jogador. Mas o fato é que Tesourinha não acertou mesmo no Vasco. E no entanto ele sabia, tinha certeza mesmo de que ainda tinha muito jogo, futebol para muitos anos mais. Fazia força, caprichava, jogava desesperado, mas a maldita forma não havia jeito de voltar. Hoje uma contusão, um resfriado e foram seis meses, metade de um ano em que o máximo que conseguiu foi atuar regularmente em algumas partidas, sem contudo alcançar aquela forma espetacular que lhe deu direito a tantas seleções. E por falar em seleção, só se falava na Copa do Mundo, e Tesourinha ficava até verde pensando em perder aquela grande chance. Tanto pensou que acabou perdendo mesmo. E não porque tivesse qualquer adversário nos calcanhares. Pontas não há dizia todo mundo, só mesmo Tesourinha e pode ser que depois do programa de treinamento ele volte bom de pernas e de pés e acabe uma grande arma do scratch. Chegou a ir a Araxá, a célebre Araxá, mas já meio desiludido, porque as dores que vinha sentindo no joelho se positivaram numa operação de menisco, um desastre de fazer chorar, tão pertinho da Copa do Mundo, que toda gente pensava ia ser do Brasil. Afinal não foi, mas Tesourinha não podia adivinhar isso, e quando, faltando um mês, ele estava deitado na mesa de operações, as lágrimas correram. Não era a dor do bisturi, trabalhando no joelho, era a dor no coração...

Mas ele ia ter duas magoas: a de não jogar no scratch e a de ver os seus companheiros, perdendo uma oportunidade tão rara para a conquista de título tão glorioso.

Entretanto o menisco rendeu muito mais. Tudo isso se passou há mais de um ano e no "aniversário" da operação, no dia quatorze de junho passado, Tesourinha ainda não podia dizer estar livre completamente das consequências lastimáveis daquele incidente em sua vida.

Oito anos no futebol gaúcho e depois, o Vasco. Teve então início um período de má sorte.





TESOURINHA

de jogador. E que, passados sessenta e cinco dias de operado, por força de circunstâncias, retornou à cancha, para enfrentar o Bangú. O seu restabelecimento, que se processava o mais normal possível, não teve naquela prova de campo um resultado satisfatório. Falta pouco e um novo período de repouso veio dar mais impaciência ao crack. Depois vieram outros matches, mas, complexo ou falta de sorte, Tesourinha custou a firmar pé. E quando o fez a sua forma de sempre não voltou logo, ou melhor, parecia que não voltaria mais. O menisco muita vez é ingrato e o ponta gaúcho sentiu isso muito bem.

A COPA RIO É UMA ESTREIA ESPETACULAR

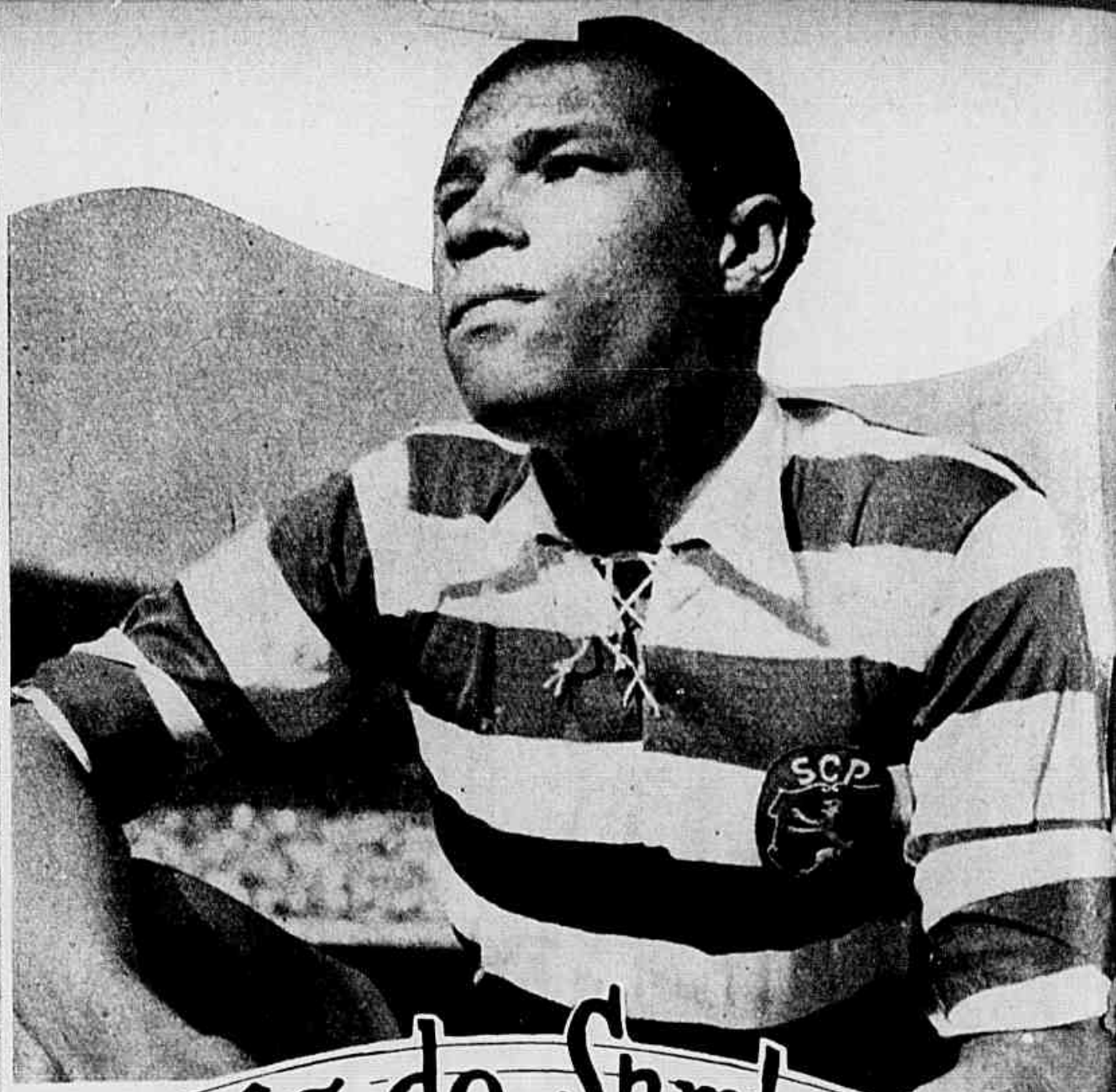
A COPA Rio, faz muitos meses, não saía do pensamento de Tesoura e à proporção que os dias iam caindo da folhinha, seu coração batia mais forte. Não esquecera, nem podia, a má sorte do ano passado. Quando faltava um mês, ficou gelado. Mas dessa vez a sorte parecia querer ajudá-lo. Foi justamente aí que começou a melhorar a olhos vistos. Algumas partidas boas, uma melhorzinha e a escalção garantida para a estreia contra os portugueses. Veio o grande dia. Tesourinha seria talvez o jogador que dava uma importância tremenda àquele jogo, início de uma série internacional, com grandes valores da Europa e da América. Não era só o Vasco que tinha que vencer, não, muito mais precisa Tesourinha de uma vitória. E no final era o mais alegre. O jogo foi fácil para o Vasco, uma vitória expressiva e que poderia ter alcançado até mais de cinco a um. Mas isso não aconteceu com Tesourinha. Para ele não importa se o adversário foi fácil ou se houve goleada; para ele, isso sim, importa saber que jogou uma grande partida, à moda mesmo daquelas que tantas vezes jogou em Santiago, em Buenos Aires e Montevideu. Por isso, Tesourinha era o mais alegre jogador do vestiário cruzmaltino.

UM ATESTADO DE PRESTÍGIO

O QUE sempre preocupou muito Tesourinha, por custar tanto a acertar no Rio, foi menos a sua situação pessoal de jogador, do que a obrigação que acha ter para com a torcida. De fato, Tesourinha é um dos cracks mais do agrado do torcedor, que sempre se empolga com as suas escapadas. Não só os vascaínos, os cariocas, mas também a torcida de sua terra. Tanto assim que o provaram de forma sobeja, por ocasião de certo concurso em que estava em jogo um apartamento. O cotejo de torcidas foi renhido, mas no final, Tesourinha ainda jogador do Internacional, foi o vencedor, deixando para trás seu maior rival, Danilo, por margem de mais de quatrocentos mil votos! Foi uma grande vitória de prestígio a de Tesourinha. E como o apartamento era no Rio, foi esse um fator que teve grande influência para a sua transferência para o futebol carioca.

A coleção de troféus esportivos de Tesourinha é sortida, mas a sua maior glória e orgulho é a sua filhinha.





Um Português do Samba



PARA o torcedor que já sabia alguma coisa de Ben David, o crack português aparecia aos seus olhos com muita coisa de jogador à moda sul-americana. É que Ben David tinha um ponto de identidade com a torcida e com os cracks do Brasil: o samba. Antes de pisar o chão brasileiro, ele já tinha, podíamos dizer, um grande conhecimento de coisas do Brasil, pela voz de muitos dos nossos cantores, que chegavam a ele e o deliciavam horas sem fim, pela série de discos que ia acumulando em sua discoteca. E Ben David ouvia muita música brasileira com um prazer muito grande, tão grande que ia até o ponto de querer cantar também. E batendo a caixa de fósforos, à moda dos nossos sambistas, cantando como ouvia nos discos, Ben David já havia estado no Brasil...

UM PRÊMIO DE VIAGEM A METRÓPOLE

EM sonho pelo menos, Ben David já havia estado no Brasil, tanto que, quando desembarcou no aeroporto, muita coisa lhe parecia familiar. Duvidamos que tenham influido nessa impressão a contemplação de fotografias; mais do que isso, falaram os sonhos e a música, o samba, esse sim, mostrou a Ben David como era o Brasil... Esse jogador de Cabo Verde, que já foi tantas vezes internacional e que construiu um alto cartaz no futebol português e europeu, começou a jogar aos dezessete anos, aparecendo com destaque nos campeonatos de Cabo Verde e logo recebendo convites para ir à metrópole. Poderia ter sido apenas um prêmio de viagem, mas ele foi e acabou ficando, vencendo celeremente, subindo das segundas categorias, passando pela categoria que se pode classificar de aspirante entre nós, até chegar em pouco tempo ao quadro principal do Atlético. Foi para jogar no Atlético e até hoje veste a camisa, apesar do empréstimo ao Sporting.

FUTEBOL E PROFISSIONALISMO

COM vinte e três anos de idade, de porte atlético, Ben David tem idéias próprias sobre o futebol. Uma palestra com o crack português é quase um monólogo, porque o reporter não fala, ou não pode falar, ouvindo as palavras em jorro de Ben David. A sua opinião sobre o futebol é definitiva e por certo com fundamento, pois acha ele que, comparando-se, por exemplo, o futebol português ao brasileiro ou ainda ao inglês, a diversidade é profunda e a causa uma só: o profissionalismo. Não será apenas um detalhe, mas sim fator essencial, a implantação do profissionalismo para a aprimoração do futebol em qualquer centro. Não pode ser estabelecido um paralelo entre a situação do jogador amador, que tem que dividir as preocupações do treinamento com a idéia de prover a sua subsistência, ou pelo menos fazer planos para o futuro, ao passo que o profissional vive intensamente o futebol, e a lógica diz que, sempre em atividade, terá muito mais vitalidade e o aperfeiçoamento técnico será um fato. Ai está em resumo o que Ben David vê no futebol, a razão por que acha que por muito



Enquanto no Rio, Ben David foi um ouvinte constante das vitrolas Wurlitzer. E não demorou a tamborilar o ritmo do samba numa caixa de fósforos.



própria popularidade, Bria enfrenta sorridente os torcedores.

A direita: O Bria de 44, com o sorriso de bom menino. O Flamengo estava para ele e deu-lhe de saída o título de campeão carioca.

campo, em Bosen ou nos muitos hotéis em que se hospedou a delegação, Bria era o chefe dos jogadores, cuidando com carinho do cumprimento das determinações de Flávio. No campo, jogando como nos melhores tempos, como em 1944, quando tinha vinte e dois anos. Então vinha de estrear no scratch guarani e jogava em Buenos Aires contra os argentinos. Sete anos depois, na Europa, com a mesma disposição e com a vantagem da experiência adquirida. Foi traído pela sorte e sofreu uma distensão muscular, cedendo o posto a Dequinha. Acontece que o novato tomou conta do lugar e quando Bria melhorou, parecia difícil o retorno à equipe, dada a forma do substituto. Mas havia, ainda, um lugar para Bria, o de half direito, no posto de Walter. Jogou e voltou a brilhar, disputando a Dequinha o direito de ser o melhor player da linha intermediária. Não sendo modesto somente no prenome, Bria está satisfeito com o êxito de Dequinha:

— Acho que o Flamengo ficará bem servido com Dequinha. É, realmente, um jogador de grande futuro e já está provando o seu direito a um posto titular. Continuo pronto a servir ao meu clube e acho que em 1951 a defesa não criará problemas para o técnico. Há bons elementos e todos dispostos a cumprir as ordens de Flávio. Caso apareça uma vaga, há também um veterano em condições para prestar serviço: Eu!...

TIMIDO

Ao chegar ao Rio, em 1943, Bria logo pareceu a todos um rapaz tímido. Focalizando essa faceta do simpático paraguaio, O GLOBO ESPORTIVO publicava, naquele ano, com o título de "Monólogo":

"BRIA — ... e o juiz apita a saída. Os dois teams lançam-se à bola, mas a multidão subitamente imóvel, o estádio inteiro em silêncio, só vê um único homem, um único jogador — eu. Que esperam de mim? Que eu, o Bria fenômeno, o paraguaio maravilha, o reforço definitivo do Flamengo, mostre a todos que valho a viagem de avião, a expectativa ruidosa, os cento e vinte mil cruzeiros, o orgulho dos meus descobridores! E se as coisas não me saírem bem? Se, por exemplo, quando eu der a minha primeira corridinha, por uma causa inexplicável, por um azar diabólico, tropeço e caio — uma queda ridícula, esparramada, arrasadora! Estou a ouvir uma gargalhada gigantesca estrondando no estádio, pesando no meu corpo, esmagando-me de encontro ao gramado... Não. Não acontecerá assim. Calmo, desembaraçado, um tanto elegante mesmo, acompanharei os lances mantendo-me na justa posição. Os mais entendidos, observando a minha colocação precisa, exata, começarão a me admirar. Outros, aguardam-me numa intervenção difícil para ficarem satisfeitos. E da torcida contra, talvez que alguns já tenham gritado o desmoralizador "olha o telefone". Para esses, e para todos, chega a minha vez! Há uma jogada perigosa na área do inimigo. Entra, não entra. Aglomeração. O "back" consegue espichar um shoot alto, o pontapé salvador. Eu estou distante, quase no meio do campo. E a bola vem descendo — a minha bola! Adianto-me rápido, olho na direção do goal, lá está a brecha! Um pequeno pulo para ajeitar e largo o pé! O estouro, e a bola volta zunindo, em linha retíssima, sem raspar num só homem, certeira, sólida, indefensável — e goal! goal! Bria! Goal do meio do campo! E mesmo um fenômeno! Que tiro! Bria! Bria! Os abraços dos companheiros, a trovoadas de ovações me tornando leve, confiante... Gente pulando, gente hurrando, dando berros, dando gargalhadas... Gargalhadas. Se não acerto na bola e sai um miserável pontapé no ar? Se fracasso nas jogadas mais simples, se levo um tombo estúpido na hora de evitar um goal? Confesso, tenho medo. Chego até a pensar em abandonar o futebol. Podia viver mais tranquilo comigo mesmo, livre da multidão. Ser um bom guardalívros, um pintor de paisagens, um pescador...

O BRIA de 44



Turista nas horas vagas, Bria filma curiosidades em Copenhague e, em companhia de outros, visita as maravilhas de Portugal.



Um Português do Samba



PARA o torcedor que já sabia alguma coisa de Ben David, o crack português aparecia aos seus olhos com muita coisa de jogador à moda sul-americana. E que Ben David tinha um ponto de identidade com a torcida e com os cracks do Brasil: o samba. Antes de pisar o chão brasileiro, ele já tinha, podíamos dizer, um grande conhecimento de coisas do Brasil, pela voz de muitos dos nossos cantores, que chegavam a ele e o deliciavam horas sem fim, pela série de discos que ia acumulando em sua discoteca. E Ben David ouvia muita música brasileira com um prazer muito grande, tão grande que ia até o ponto de querer cantar também. E batendo a caixa de fósforos, à moda dos nossos sambistas, cantando como ouvia nos discos, Ben David já havia estado no Brasil...

UM PRÊMIO DE VIAGEM A METRÓPOLE

EM sonho pelo menos, Ben David já havia estado no Brasil, tanto que, quando desembarcou no aeroporto, muita coisa lhe parecia familiar. Duvidamos que tenham influido nessa impressão a contemplação de fotografias; mais do que isso, falaram os sonhos e a música, o samba, esse sim, mostrou a Ben David como era o Brasil... Esse jogador de Cabo Verde, que já foi tantas vezes internacional e que construiu um alto cartaz no futebol português e europeu, começou a jogar aos dezessete anos, aparecendo com destaque nos campeonatos de Cabo Verde e logo recebendo convites para ir à metrópole. Poderia ter sido apenas um prêmio de viagem, mas ele foi e acabou ficando, vencendo celeremente, subindo das segundas categorias, passando pela categoria que se pode classificar de aspirante entre nós, até chegar em pouco tempo ao quadro principal do Atlético. Foi para jogar no Atlético e até hoje veste a camisa, apesar do empréstimo ao Sporting.

FUTEBOL E PROFISSIONALISMO

COM vinte e três anos de idade, de porte atlético, Ben David tem idéias próprias sobre o futebol. Uma palestra com o crack português é quase um monólogo, porque o repórter não fala, ou não pode falar, ouvindo as palavras em jorro de Ben David. A sua opinião sobre o futebol é definitiva e por certo com fundamento, pois acha ele que, comparando-se, por exemplo, o futebol português ao brasileiro ou ainda ao inglês, a diversidade é profunda e a causa uma só: o profissionalismo. Não será apenas um detalhe, mas sim fator essencial, a implantação do profissionalismo para a aprimoração do futebol em qualquer centro. Não pode ser estabelecido um paralelo entre a situação do jogador amador, que tem que dividir as preocupações do treinamento com a idéia de prover a sua subsistência, ou pelo menos fazer planos para o futuro, ao passo que o profissional vive intensamente o futebol, e a lógica diz que, sempre em atividade, terá muito mais vitalidade e o aperfeiçoamento técnico será um fato. Ai está em resumo o que Ben David vê no futebol, a razão por que acha que por muito



Enquanto no Rio, Ben David foi um ouvinte constante das vitrolas Wurlitzer. E não demorou a tamborilar o ritmo do samba numa caixa de fósforos.



GRANDI PAO

pria popularidade, Bria enfrenta sorridente os torcedores.

A direita: O Bria de 44, com o sorriso de bom menino. O Flamengo estava para ele e deu-lhe de saída o título de campeão carioca.

campo, em Bosen ou nos muitos hotéis em que se hospedou a delegação. Bria era o chefe dos jogadores, cuidando com carinho do cumprimento das determinações de Flávio. No campo, jogando como nos melhores tempos, como em 1944, quando tinha vinte e dois anos. Então vinha de estrear no scratch guarani e jogava em Buenos Aires contra os argentinos. Sete anos depois, na Europa, com a mesma disposição e com a vantagem da experiência adquirida. Foi traído pela sorte e sofreu uma distensão muscular, cedendo o posto a Dequinha. Acontece que o novato tomou conta do lugar e quando Bria melhorou, parecia difícil o retorno à equipe, dada a forma do substituto. Mas havia, ainda, um lugar para Bria, o de half direito, no posto de Walter. Jogou e voltou a brilhar, disputando a Dequinha o direito de ser o melhor player da linha intermediária. Não sendo modesto somente no prenome, Bria está satisfeito com o êxito de Dequinha:

— Acho que o Flamengo ficará bem servido com Dequinha. É, realmente, um jogador de grande futuro e já está provando o seu direito a um posto titular. Continuo pronto a servir ao meu clube e acho que em 1951 a defesa não criará problemas para o técnico. Há bons elementos e todos dispostos a cumprir as ordens de Flávio. Caso apareça uma vaga, há também um veterano em condições para prestar serviço: Eu!...

TIMIDO

Ao chegar ao Rio, em 1943, Bria logo pareceu a todos um rapaz tímido. Focalizando essa faceta do simpático paraguaio, o GLOBO ESPORTIVO publicava, naquele ano, com o título de "Monólogo":

"BRIA — ... e o juiz apita a saída. Os dois teams lançam-se à bola, mas a multidão subitamente imóvel, o estádio inteiro em silêncio, só vê um único homem, um único jogador — eu. Que esperam de mim? Que eu, o Bria fenômeno, o paraguaio maravilha, o reforço definitivo do Flamengo, mostre a todos que valho a viagem de avião, a expectativa ruidosa, os cento e vinte mil cruzeiros, o orgulho dos meus descobridores! E se as coisas não me saírem bem? Se, por exemplo, quando eu der a minha primeira corridinha, por uma causa inexplicável, por um azar diabólico, tropeço e caio — uma queda ridícula, esparramada, arrasadora! Estou a ouvir uma gargalhada gigantesca estrondando no estádio, pesando no meu corpo, esmagando-me de encontro ao gramado... Não. Não acontecerá assim. Calmo, desembaraçado, um tanto elegante mesmo, acompanharei os lances mantendo-me na justa posição. Os mais entendidos, observando a minha colocação precisa, exata, começarão a me admirar. Outros, aguardam-me numa intervenção difícil para ficarem satisfeitos. E da torcida contra, talvez que alguns já tenham gritado o desmoralizador "olha o telefone". Para esses, e para todos, chega a minha vez! Há uma jogada perigosa na área do inimigo. Entra, não entra. Aglomeração. O "back" consegue espichar um shoot alto, o pontapé salvador. Eu estou distante, quase no meio do campo. E a bola vem descendo — a minha bola! Adianto-me rápido, olho na direção do goal, lá está a brecha! Um pequeno pulo para ajeitar e largo o pé! O estouro, e a bola volta zunindo, em linha retíssima, sem raspar num só homem, certa, sólida, indefensável — e goal! goal! Bria! Goal do meio do campo! E mesmo um fenômeno! Que tiro! Bria! Bria! Os abraços dos companheiros, a trovoadas de ovações me tornando leve, confiante... Gente pulando, gente hurrando, dando berros, dando gargalhadas... Gargalhadas. Se não acerto na bola e sai um miserável pontapé no ar? Se fracasso nas jogadas mais simples, se levo um tombo estúpido na hora de evitar um goal? Confesso, tenho medo. Chego até a pensar em abandonar o futebol. Podia viver mais tranquilo comigo mesmo, livre da multidão. Ser um bom guarda-livros, um pintor de paisagens, um pescador...



Turista nas horas vagas, Bria filma curiosidades em Copenhague e, em companhia de outros, visita as maravilhas de Portugal

O BRIA de 44



O Homem que milhões par

NO fundo e no intimo todo jogador de futebol possui um pouco de Ermelindo Matarazzo. No fundo e no intimo não passa mesmo de amador. E não poucos profissionais seriam capazes, em última análise, de pagar, até de pagar bem, desde que pudessem permanecer em dia com as suas chuteiras, com o seu público, sobretudo com a sua notoriedade. O regime das luvas e dos bichos excessivos e extravagantes foi que lhes assegurou o direito e a chance de exigir muito.

ESTA é a história de Ermelindo Matarazzo. Filho legítimo do conde Francisco Matarazzo. Irmão, por conseguinte, de Eduardo Maria Andréa Matarazzo, o primeiro alvo dos ladrões de herdeiros na América do Sul. E que, por ser filho do conde, logo irmão também legítimo de Eduardo Andréa, adquiriu ao abrir os olhos para a vida o direito de figurar como legatário da maior fortuna — teoricamente a maior e, em efeito, uma das maiores fortunas móveis e imóveis deste país.

A par do invejável conforto em que nasceu, cresceu e educou-se, Ermelindo é um rapaz simples e pouco perdulário. Nada estroina. Mas, é sem favor nenhum o mais fanático apaixonado do futebol que o céu cobre, desde as latitudes mais distantes. Lembro-me do que ele costumava dizer em seus primeiros dias de associado do Botafogo, que foram também os seus primeiros dias de aspirante a vestir a camisa de goal-keeper do Botafogo, já experimentado, por sinal, em múltiplas tentativas para atingir à consagração: — “Eu, meu caro amigo, sou um sujeito engraçado. Enquanto todos os jogadores de futebol esperam ganhar fortuna correndo atrás da bola, palavra como seria capaz de inverter completamente os meus milhões em troca da celebridade esportiva”.

ENTRE A GLÓRIA E A VICE-PRESIDÊNCIA DAS INDÚSTRIAS

POUCA gente sabe disto: Ermelindo é o vice-presidente das fabulosas Indústrias Matarazzo. Isto quer dizer apenas o seguinte, simplesmente o seguinte: depois do conde e na falta do conde caberá a ele manobrar o mecanismo inteiro desse imenso patrimônio. As coisas foram colocadas nesse plano, o conde esperando sempre que Ermelindo se revele um perfeito homem de negócios, e Ermelindo dando tempo ao tempo; certo e absolutamente convicto de que o homem de negócios que nele adormece poderá ser despertado no instante exato em que achar conveniente.

Campeão de casacas e campeão de futebol



Por enquanto não. Por enquanto Ermelindo olha as horas e olha o mundo indiferentemente. Escravo de seu futebol. Existindo, no mínimo, dez das suas vinte e quatro horas para comentar com entusiasmo as defesas que praticou e não comentar tão profundamente as defesas que poderia ter praticado. As bolas que deixou passar. Os “frangos” que engoliu. Como a mesada que o pai destina para os gastos dá para as despesas, toda a jogar, a correr por aí de motocicleta, preferindo a motocicleta ao mais noturno “rabo de peixe” que a família ofereça.

A mesada — explique-se — toda ela se destina aos gastos mensais. Parte, à manutenção do apartamento. Toda ela é gasta sem sobras. Dois terços com ele e um terço com as necessidades aborrecidas...

“MAO-FECHADA” MUITO MAIS DO QUE “MAO-ABERTA”

UNS supõem e outros juram que Ermelindo seja “mão-aberta”. Seja um espalha-dinheiro. Mas não é tanto assim. Naturalmente, pelo dinheiro que dispõe e consome, poderia ser mais “mão-aberta” do que é. Ou menos “mão-fechada” do que parece. Mas é gênio dele. Está na massa do sangue. E gênio que se não destrói e também não compromete a sua fidalguia e a sua hospitalidade. Quando Ermelindo abre as portas do seu apartamento bem montado para receber alguém, não há ninguém mais liberal do que Ermelindo. Vinho do melhor, comida da melhor — tudo do melhor. No entanto, leva uma existência inteiramente contraditória. São dois Ermelindo. De noite, um faz vida de granfino — de noite, no caso, a deshoras. Antes disso —, manhã e fim de tarde — conforma-se e se satisfaz com a companhia dos modestos mas sinceros companheiros de equipe, aos quais procura tratar de igual para igual, sem rompan-tes, sem pôse, sem fazer exceção a nenhum, muito embora goste de manter um círculo privilegiado de relações ou tenha queda especial para juntar-se mais a Geninho, Otávio, Santos, Ávila, Paraguaio e Braguinha.

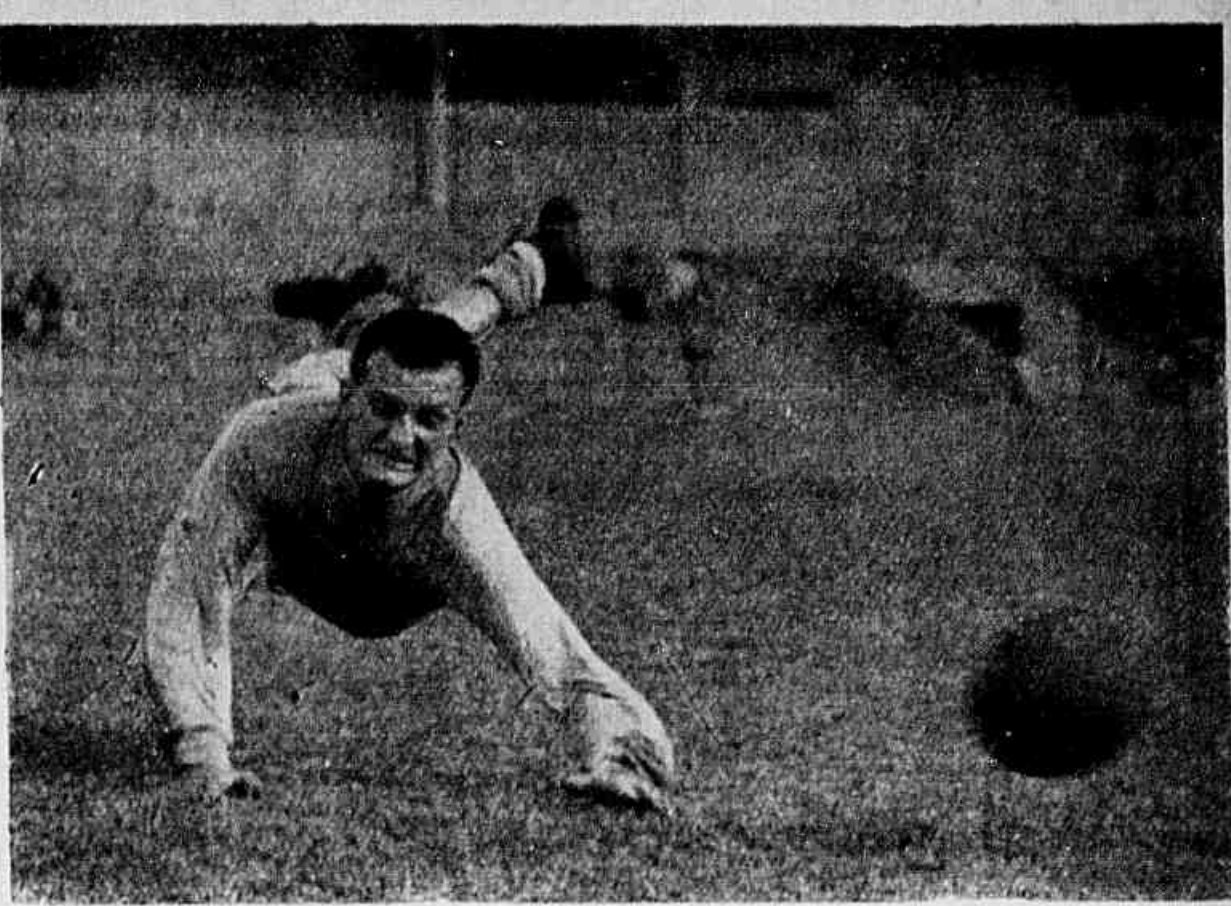
PASSADO MAIS DISTANTE

ERMELINDO passou a meninice e a mocidade mais tenra em S. Paulo. Indo à escola como todos os garotos vão. Amolando-se com os explicadores particulares que o conde nunca dei-





O doloroso momento de voltar à realidade



Não é pôse só.

xava de arranjar. Seguindo a família para onde a família se deslocava. Até atingir à fase das calças compridas.

Como o destino que o conde tracára, coincidia, em parte, com as próprias tendências, tão pronto livrou-se do ginásio, passou a admitir a hipótese de estudar Direito e tornar-se um grande advogado.

Nesse interim, somando as correrias de garoto que havia sido com o precoce amadurecimento, verificou que tinha talento para futebol e que poderia vir a ser um jogador de futebol à semelhança e imagem dos melhores jogadores que conhecia.

E também nisto Ermelindo confundiu-se bastante com as crianças menos protegidas da sorte: a primeira "pelada"

que disputou, foi disputada na rua e nos baldios da vizinhança confusa de sua "Casa Grande". Depois, então, que os outros viram que ele havia visto que "dava" para arqueiro e que, um dia não muito distante, ocuparia de certo um pedaço de manchete e encheria algumas colunas de jornal com o seu retrato, não faltou clube que o convidasse a treinar em seu campo.

Ora, o Palmeiras, por uma questão de consanguinidade, foi o primeiro clube a desfrutar do concurso do promissor Ermelindo. Ermelindo fez carreira rápida nas divisões inferiores de Parque Antártica. Primeiro, nos infantis, depois, nos juvenis, mais tarde, no segundo, inclusive no terceiro quadro.

Como gostou, foi ficando. Mas, desconfiado que iria marcar passo nos teams de "baixo", aborreceu-se e trocou repentinamente as cores do Palmeiras pelas cores do S. Paulo — justamente o pior inimigo do Palmeiras.

Acontece que Ermelindo não esconde que haja deixado o Palmeiras para vingar-se do pouco caso que o Palmeiras fez de seu futuro. Deixou-o, orgulhoso, porque levava na mala uma faixa de tri-campeão.

MUDANÇA E EXPERIÊNCIA NO RACING

NO S. Paulo permaneceu pouco tempo. Uma viagem à Argentina e uma viagem demorada à Europa não permitiram que estacionasse no Canindé os anos que estacionou no Parque Antártica. Antes, porém, foi passar umas férias em Buenos Aires; férias de uma quinzena, mas que se prolongaram por quase três meses. Por que? Não foi devido, unicamente, aos encantos que a capital portenha pudesse oferecer, mas simplesmente porque o Racing de Stable, de Tucho Mendez, de Ruben Bravo, de Erza Sued e de Mario Boyé interessou-se por ele, e por intermédio de Stable conseguiu que ele fizesse algumas partidas amistosas em Buenos Aires e fora de Buenos Aires.

Este orgulho Ermelindo tem: jogou ao lado das mais caras chuteiras argentinas.

O BOTAFOGO NA VIDA DE ERMELINDO

FINDA a temporada portenha, Ermelindo retornou ao Brasil. Do Brasil, partiu para a Europa. Passou cerca de meio ano no Velho Mundo. Gozou a vida como pôde gozar e como sabe gozar. E, de volta, já com planos de estudar Direito no Rio, encontrou no mesmo bôjo do avião em que regressava um botafoguense da cabeça aos pés: Nelson Cintra. Nelson, que fôra a Portugal levando a incumbência de contratar Rogério, mostrou a Ermelindo que, a não ser no caminho de General Severiano, dificilmente encontraria campo para manter suas ilusões esportivas. Ermelindo aceitou as ponderações de Nelson, ingressou no Botafogo com a pecha de moço rico, sem muito jeito para a coisa, mas disposto a vencer e a convencer aos mais descrentes ou aos que menos fé faziam com o seu jôgo.

Resultado: às custas de persistência ganhou um lugar na equipe de aspirante, depois chegou à reserva de Oswaldo, obtendo este ano o título de campeão do Municipal. Nas horas vagas completa o curso de Direito e recepciona os amigos. Ou, então, esborracha-se todo de encontro a um poste mal colocado numa esquina de rua. Só porque tem o prazer especial de andar a plena velocidade em cima de motocicletas, de sua motocicleta que já foi aposentada várias vezes, em favor de um "rabo de peixe", mas que, depois voltou, como ele afirma que voltará sempre a ocupar o lugar de todos os "rabos-de-peixe" que a família oferecer-lhe!

É um bom menino. Apenas com uma não confessada mania de perseguição, que não chega a ser coisa propriamente sua, mas obra de companheiros.

Não tem outra mania e só possui um "hobby": não usar cuecas. Nem que por cima dela tenha de vestir um fraque. Como algumas vezes é obrigado a vestir para satisfazer a sua condição de herdeiro e vice-presidente do maior latifúndio brasileiro.

Entre Geninho e Heleno, três amigos de outros tempos

le pagaria
a jogar





Augusto e Alfredo continuarão firmes na Polícia Especial — Jorginho passará a negociar jóias e Maneco não precisará voltar a utilizar a outra bicicleta... — Bria já não pensa em retornar ao Paraguai, enquanto Biguá prefere não desvendar o mistério da profissão futura.

Texto de JORGE LEAL

Três veteranos, quer de idade, quer de futebol, em flagrantes diferentes. Biguá, o que ressurgiu com a volta do "Professor" à Gávea e Bria, treinando na Suécia e na Gávea, bem como ainda entre as Tulipas, na Escandinávia. Vemos ainda, no segundo clichê da esquerda para a direita: Augusto, o capitão cruzmaltino e das seleções brasileiras. Para Augusto, o futuro não constitui uma incógnita.

Os cegos que já nasceram cegos, que desconhecem a luz do dia, a cor das folhas e a brancura da neve, os surdo-mudos que já nasceram assim, jamais se apercebendo de um ruído qualquer, nunca podendo exprimir pelo dom da palavra uma só sílaba, são exemplos frisantes do problema que pretendemos focalizar. Outros exemplos mais interessantes ainda, a nós nos parecem ser os das criaturas perfeitas, que de um momento para o outro, num desses golpes tão traicoeiros do destino, — infelizmente repetidos dia a dia, — perdem membros, deixam de ver, ouvir ou falar. Essas criaturas, num e noutro exemplo, com ou sem complexos, necessitam de um período de adaptação ou readaptação. A readaptação é sempre mais difícil. Muito mais difícil e penosa. Um problema puramente social, que fere a humanidade, atingindo todas as classes.

QUANDO O FUTEBOL ACABAR...



PARECE uma questão insolúvel, que com o correr dos tempos terá de ser resolvida, lentamente, é natural, acompanhando a própria evolução da vida. Antigamente o problema parecia ser mais complexo. O juízo veio chegando, todavia, e nos dias atuais felizmente já há jogadores que conseguiram "descobrir" não ser eterno o futebol... A fama, depois que o crack já atingiu os píncaros da glória, terá de ir diminuindo, sumindo como se escoam os anos, os anos de idade, correndo paralelamente com os anos de futebol: para a foz comum. Os amigos, vão desaparecendo também... e, em consequência direta do decréscimo geral, também se vai o prestígio... Os dirigentes e os companheiros já não se interessam mais pelo "astro" que se vai apagando. Afinal de contas, é preciso que novas "estrelas" encontrem um lugar na constelação dos

planetas famosos. E aquele que outrora fôra o "astro-rei", a estrela de fulgurante brilho, compreenderá então a tamanha amargura que se encerra numa só palavra: ostracismo. É preciso, para evitar as sargetas a que sempre levam as drogas ingeridas nos balcões sujos dos bares sórdidos, para fugir ao desespero, para não se desamparar a si próprio e aos seus, — aqueles poucos que lhe são caros e continuarão a sê-lo, porque são frutos do seu próprio ser — é preciso, repetimos, imprescindível mesmo, dois dedos de juízo e mais dois dedos de previsão e cautela quanto aos dias futuros que em matéria de futebol não estarão nunca tão distantes. Vem aí, melhor dizendo: surge aí, exatamente aí, a tormetosa pergunta que formulamos: "Quando o futebol acabar"... A interrogação está justamente no sentido vago das reticências.

O QUE SE ACABA E O POUCO OU QUASE NADA QUE PERDURA

O PERÍODO dos sonhos do crack termina no dia em que ele pendura as chuteiras. Daí por diante irá viver uma nova vida, num mundo inteiramente diferente, sem as facilidades costumeiras até então encontradas. No fim de cada mês será preciso saldar grandes despesas. Desde o aluguel do apartamento ou casa, se o dito cujo não houver economizado o bastante para adquirir um teto com os milhões de cruzeiros do futebol. E a tragédia principia: já não há mais receita e o deficit cada vez mais se vai avolumando. Afinal, que Rei sou eu? Uma olhadela no espelho mais próximo responderá, por certo: — o Rei destronado, aquele que se viu obrigado a abdicar em favor de uma segunda, às vezes, até, de uma terceira personagem. Tudo acabou. Pouco ou quase nada perdura. Apenas uns trocados de notoriedade, que se bem explorados poderão render algo, isto é, alguns trocados de cruzeiros... A menos que o crack haja tido juízo. A menos que tenha mantido, durante os anos de glória o mesmo padrão de vida anterior, para que se tornasse possível economizar bastante.

AUGUSTO E ALFREDO, DOIS QUE SABEM ONDE TEM A CABEÇA

O IDEAL seria que todo profissional de futebol, concomitantemente com as suas atividades futebolísticas, tivesse uma profissão. Assim como ocorre com a maioria dos players ingleses. Quando o futebol acabar... haverá sempre outra fonte de rendimento. E a estabilidade — principalmente se as economias forem elevadas — estará então garantida. Este o caso particularíssimo do zagueiro direito Augusto e do médio esquerdo Alfredo, ambos do Vasco. Entre os veteranos



Jorginho exulta de satisfação, com a conquista de um tento espectacular. Dentro de mais uns poucos anos, entretanto, ele estará negociando jóias, bem longe, bem distante dos gramados...

QUANDO O FUTEBOL ACABAR...

do clube de São Januário, preferimos destacar Augusto e Alfredo, pelo simples fato de ambos haverem abraçado uma só carreira. Ingressaram eles, há muitos anos — principalmente o primeiro, que já ultrapassou 10 janeiros “de casa” — na Polícia Especial. E procuram viver dentro do que percebem naquilo que consideram profissão oficial, às vezes precisando de um pequeno auxílio do que denominam “atividade-extra”, porque sabem-na passageira. Desta forma, não guardarão uma pequena fortuna, mas pelo menos estarão financeiramente amparados para os dias de incerteza no futuro.

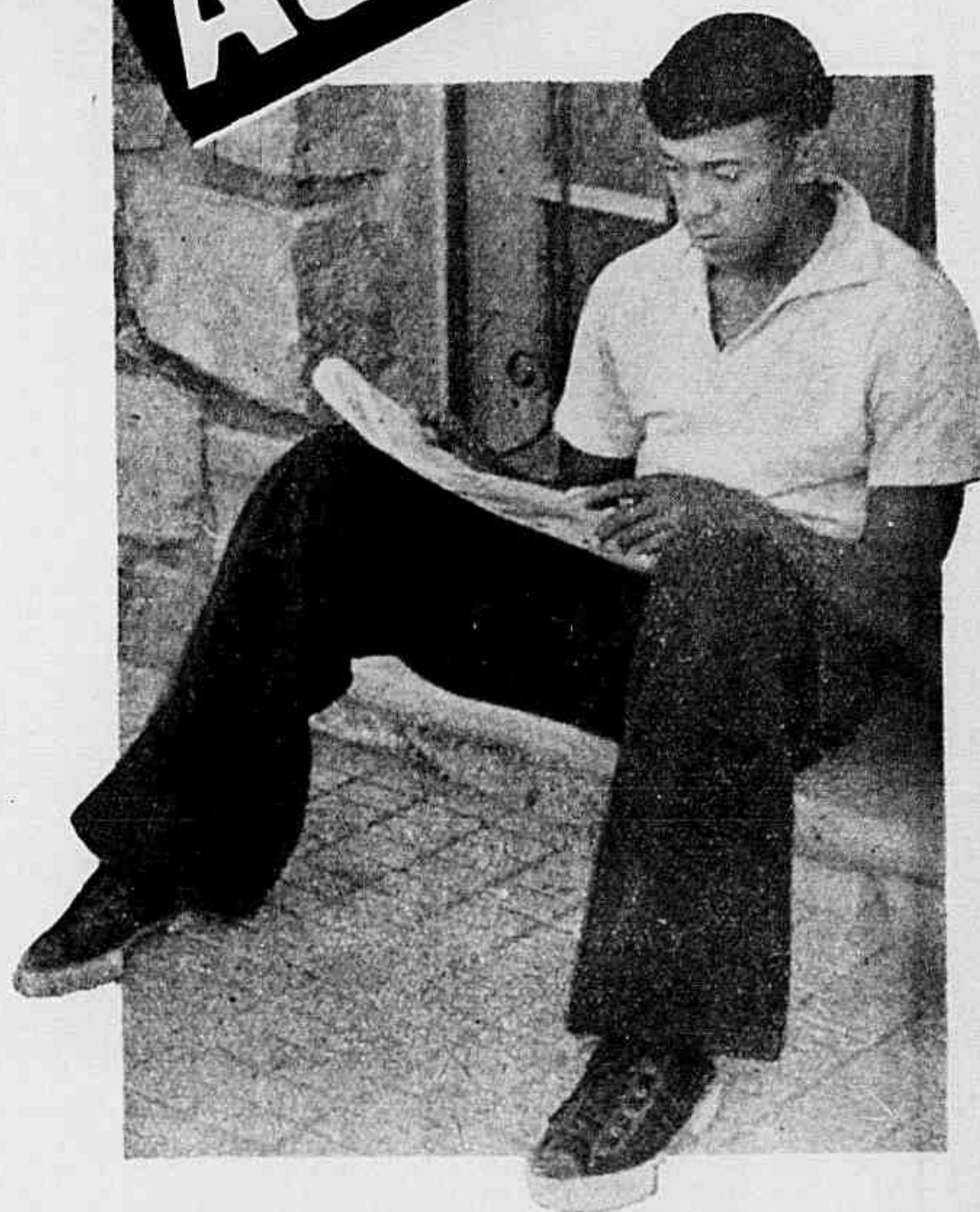
JORGINHO E MANECO, DOIS QUE PENSAM DIFERENTE

NO América encontramos também dois veteranos de idade e de futebol: Jorginho e Maneco. O ponteiro esquerdo passou uma porção de anos vivendo exclusivamente do futebol. Já agora, porém, começa a organizar um negócio de jóias com o cunhado. E segundo espera acabará certo dia com uma joalheria, embora talvez pequena. Pouco importa. O essencial é que o negócio seja iniciado. Maneco, por outro lado, ainda não decidiu sobre o futuro. Mudou-se do Irajá para Lucas, passando a residir em casa própria. Eis o primeiro passo. Certo que ele não pensa em voltar a ser o que era antigamente: simples empregado de Farmácia, Armazem, etc. Criou-se andando de bicicleta, de uma parte para outra, entregando compras. Mas depois de se haver consagrado no futebol, graças a outra espécie de bicicletas, bem mais rendosa, Maneco almeja melhor sorte quando não puder mais “pedalar”, no futebol... Contudo, apesar de extremamente controlado e consequentemente econômico, não decidiu ainda sobre a profissão que irá exercer, depois que a força das circunstâncias determinar o seu “adeus” ao futebol.

BRIA E BIGUÁ AINDA NÃO TOMARAM QUALQUER DECISÃO

NO quadro do Flamengo — entre os titulares, é preciso frisar, porque no plantel rubro-negro encontramos vários — há dois veteranos. Bria, o centro-médio paraguaio, e Biguá, que na “outra geração” foi médio direito e na atual, depois de uma rápida experiência na ponta direita passou-se para zagueiro lateral direito. O pivot guarani sempre teve juízo. De conduta exemplar, como profissional como homem. Modesto como o próprio nome. Sem vícios e com a vida mais retilínea que se pode imaginar. Até bem pouco pensava em retornar à pátria, quando acerrasse sua carreira na Gávea, quando chegasse o ocaso. Casou-se com mulher brasileira, tem um filho brasileiro e já não pensa mais em voltar. Disse-nos que tudo cuidadosa e carinhosamente a possibilidade de radicar-se definitivamente no Brasil. Não sabe, porém, que ramo irá tentar. Mas não restam dúvidas, também, de que na hora “H” estará financeiramente capacitado a empreender qualquer negócio, pelo controlado que é. Quanto a Biguá, veio do nada e galgou os degraus da

(Continua na página 23)



Alfredo. Entre o futebol e a Polícia Especial — entre uma obrigação e outra há sempre tempo para uma rápida leitura.

MALZBIER da BRAHMA

reforce qualquer refeição

No lanche, no almoço, no jantar... tenha sempre à sua mesa a deliciosa Malzbier da Brahma para reforçar o valor nutritivo de suas refeições... Levemente doce e rica em malte, tem um poderoso valor energético. Malzbier da Brahma é a cerveja do lar porque é saborosa e tem baixo teor alcoólico.

EM GARRAFAS OU 4 GARRAFAS



OUÇA as Transmissões Esportivas Brahma através da Rádio Nacional, aos domingos, à tarde, em ondas curtas e médias.

Perceira 3.975

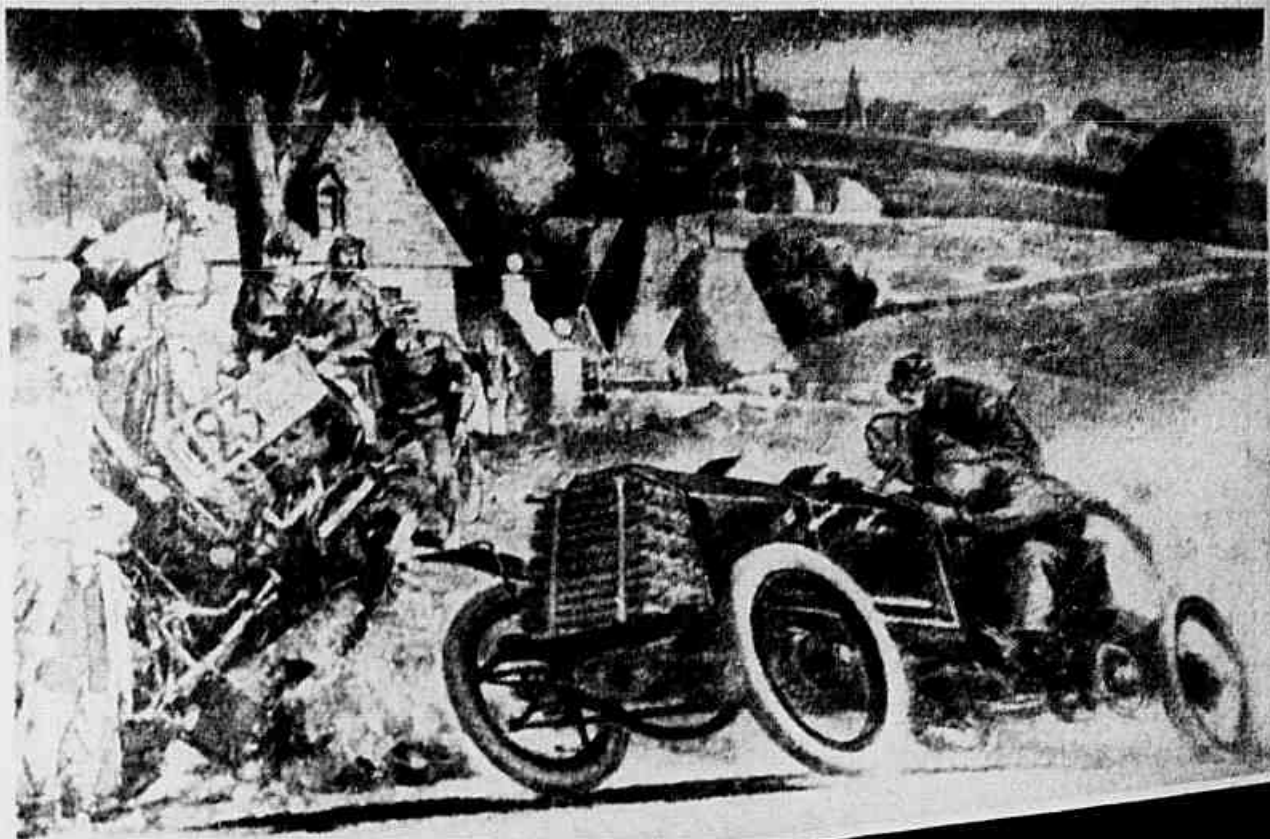
PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A.

Até hoje não se sabe quantos espectadores morreram na fantástica prova

QUANDO certo jornal de Londres, denominou a corrida de automóveis Paris-Madrid em 1903, "A Corrida da Morte", foi obrigado a recolher todos os números do jornal e fazer uma correção o mais depressa possível, para ficar em paz com as autoridades. Depois que os 432 corredores e mecânicos foram finalmente identificados, e alguns dos espectadores apenas não puderam ser encontrados, pôde-se fazer um honesto comentário do que foi uma grande catástrofe. A corrida foi realizada numa estrada tortuosa que ia de Paris a Madrid, e onde logo as poças de sangue se tornaram tão frequentes quanto a grama e os arbustos que limitavam a estrada. Se uma pessoa qualquer acusasse as autoridades dizendo que: "Havia um cadáver em cada quilômetro", eles certamente responderiam: "Você também poderia estar lá, 'mon chér ami'!"

Na véspera da corrida, 24 de maio, domingo, verdadeira multidão se encaiminhou para Versalhes, perto de Paris, iam todos tomar posição na estrada de Versalhes-a-Chartres, e esperar pacientemente que fosse dado o sinal. Era uma multidão incontável de espectadores em bicicletas, a pé, e de carruagens, para apreciar a largada, ou postar-se ao longo da estrada.

Muito antes da hora da partida, foram pintadas grandes placas em letras brancas dizendo "Afastem-se", e colocadas nos pontos mais perigosos do percurso. Mas ao amanhecer, havia já muita gente na beira da estrada, em locais



A corrida da MORTE

perigosos. Foram enviadas tropas, que, contudo, foram incapazes de manter os espectadores afastados.

Seriam 3 horas e vinte da manhã, quando o primeiro corredor aproximou-se em seu curioso carro, para tomar posição de partida. Era o inglês Charles Jarrott, e esse momento deveria mais tarde ser o ponto culminante de seu livro "Dez anos entre motores e corridas de automóveis". No ano antecedente, Jarrott havia levantado a Corrida de Ardenne, em Bastogne. Depois dele vieram, Chevalier René de Knyff, verdadeira montanha humana, Louis Renault, Lorraine-Barrow, Leon Thery e Henry Fournier, o último vencedor da corrida Paris-Berlim em 1901, que constituíam as principais figuras do mundo automobilístico do momento, todos saltando de suas máquinas para apertar as mãos um dos outros, sorridentes, enquanto os fotógrafos queimavam lâmpadas e mais lâmpadas de magnésio.

As 3 e 35 da manhã, foi soltado um foguete de aviso, cujo eco foi seguido pelo rugir dos motores dos carros. Levantaram-se nuvens de fumaça dos canos de descarga. O juiz da partida anotou num caderninho, 4 horas da manhã e colocou-o no carro de Jarrott, um De Dietrich perguntando:

— Está pronto?

O inglês anuiu, enquanto seu mecânico, que sempre acompanhava o automobilista, sentou-se no estribo esperando.

"Dix... Cinq... Quatre... Trois... Deux... Partez!" O barulho das explosões do motor era ensurdecedor. O carro deu um solavanco, e levantou uma chuva de cascalho. Jarrott tinha partido. Tocado por pés infernais as outras 215 máquinas seguiram-nos de perto, com nuvens de poeira, e um barulho medonho. Os espectadores entusiasmados pelo espetáculo, lutavam para chegar mais perto e quase que impediam a estrada, depois da passagem de cada carro. Depois eram atiradas para trás, cegas com a poeira, sem perceber a intensidade do perigo. Carros a 120 quilômetros por hora, eram coisa simplesmente incompreensível para os pacatos fazendeiros que só lidavam com carroças vagarosas. Uma mulher foi morta logo no primeiro quilômetro, pouco minutos depois da partida.

Em Bonneval, 105 quilômetros depois do ponto de partida, o chofer de um Wolsley quis vencer uma ladeira em muita velocidade. O carro capotou, o motorista foi jogado longe, mas o mecânico ficou debaixo do carro. O tanque de gasolina explodiu e homem e carro foram reduzidos bem depressa a um monte de cinzas. Aquilo era apenas o princípio.

O melhor carro de corridas de 1903 não era quase mais nada do que o chassis e dois assentos. A ação amortecedora das molas era quase desconhecida. O que se usava era somente molas muito primitivas por cima das quatro rodas a fim de que o carro pudesse voltar a ficar em pé depois de cada curva. O único amortecedor de choques era constituído quase por almofadas colocadas no assento. O espaço entre os dois assentos era seguidamente levantado por cada alto da estrada. Os pneus do carro furavam a cada solavanco e os mecânicos e motoristas eram obrigados a parar para fazer um remendo. Depois, tocavam a manivela e o carro andava novamente, mais um pouco.

Os motoristas dessa época descobriram que sua mais fiel companheira, a Morte, estava sempre presente. Com essas máquinas primitivas, quase que somente chassis, haviam colocado motores de 90 a 100 cavalos, capazes de desenvolver 140 quilômetros horários. Desenvolvidos e aperfeiçoados num período relativamente pequeno de cinco anos, esses monstros deveriam ser conduzidos com muita calma, e na menor velocidade possível.

E foram aqueles os épicos dias das corridas entre países, das quais a Paris-Madrid, era a mais disputada. O percurso era de 1.380 quilômetros e atraía os corredores do mundo inteiro e suas máquinas. Naquela época os carros eram somente produzidos para o esporte. Onde se podia imaginar, uma máquina daquelas para ir para o trabalho, ou como divertimento? Assim foram feitas as poderosas Mercedes da Alemanha; Mors, De Dietrich, Renault e Penhard da França; Fiat da Itália; Napier e Wolsley da Inglaterra. Eram assim aqueles 216 carros que corriam para Madrid, carros de todos os feitios, e tamanhos, carros na maioria mal feitos e inseguros para corridas, dirigidos por alguns veteranos e muitos estreantes. Havia também uma mulher, uma tal Madame Du Gast, e alguns levavam mulheres como passageiras.

O sol subiu e as nuvens de poeira tornaram-se mais espessas. Os corredores somente podiam orientar-se na estrada seguindo os troncos das árvores. Muitos acidentes foram provocados, quando os troncos das árvores seguiam adiante, e a estrada fazia uma curva.

Era simplesmente terrível passar outro carro. A única maneira era precipitar-se como um ciclone pela estreita passagem de poeira. De dentro do carro, percebia-se apenas a passagem do carro pela barreira de poeira e pedras que o outro levantava. Talvez não se fosse atirado no fôssco da estrada, mas era preciso executar um ângulo perigosíssimo para conseguir tal façanha.

Eram assim as corridas naqueles dias.

Não se podem nem de longe comparar-se com as de hoje, com as máquinas modernas de que dispomos. Por isso ninguém imagina a fibra dos homens que corriam com aqueles carros primitivos. Os motores estavam constantemente es-

quentando, sem que houvesse resfriamento. Em alguns deles, havia uma válvula de resfriamento, que quando o motor estava trabalhando, era deixada aberta.

O primeiro posto de controle, onde os corredores paravam para serem contados os tempos, era em Charters. Louis Renault tinha passado Jarrott, num golpe quase suicida, e já havia passado por lá. Renault dirigia um carro que levava seu nome e que tinha apenas 30 cavalos de força mas que podia desenvolver 115 quilômetros por hora, embora seu motorista estivesse certo que em melhor estrada a velocidade de seu carro poderia chegar a 130.

Jarrott e de Knyff estavam ainda atrasados, aproveitando enquanto o óleo que seus carros queimavam estava em boas condições, e esperando um trecho melhor de estrada para poderem desenvolver melhor.

Depois de deixar Charters, havia uma parte de estrada relativamente boa. Aproveitando-se disso, Renault conseguiu o que planejava, isto é, imprimiu maior velocidade ao carro que conseguiu chegar a fantástica velocidade de 130. Isso desgostou muito aos outros antagonistas, fazendo com que muitos deles desistissem.

E assim, iam para Madrid, com Renault na liderança, seguido de perto por Jarrott, e agora Werner numa Mercedes, todos tentando aproveitar o bom pedaço de estrada, onde se podia enxergar relativamente bem.

Em Poitiers, Marcel Renault foi alcançado por Thery Decalville. Lutando num duelo desesperado, lado a lado, cada qual forçava mais o carro num turbilhão de poeira que cegava ambos os contendores. Renault, procurando a todos custo não se deixar passar, deu toda velocidade que seu carro conseguia desenvolver, e quando chegou a uma ladeira, seu carro capotou duas vezes indo bater de encontro a uma grande árvore na beirada da estrada. Decalville cientificou os outros do acidente no próximo ponto de parada. Mas quando chegou o socorro e retiraram a figura retorçada de Renault, de debaixo de seu carro, todas as esperanças se desvaneceram. Marcel Renault morreu no dia seguinte.

Rumores de acidentes terríveis que teriam acontecido com os corredores e espectadores começaram a circular em todos os postos de parada. Mas, mesmo assim, os espectadores não se mostraram mais prudentes.

Perto de Angoulême, um corredor chamado Tourand em uma Brouhot, freou desesperadamente procurando não pegar uma mulher que se atravessara bem no meio da estrada. Mas não foi possível parar o carro, e este passou por cima da mulher, matando-a. O carro, desgovernado, saiu da estrada, indo espatifar-se bem no lugar onde estavam estacionados alguns soldados, matando dois.

Em consequência do acidente, Tourand perdeu a razão, tornando-se idiota. Um outro carro, também em idênticas condições, tentando parar repentinamente para não pegar um soldado que retirava uma criança do meio da estrada, desgovernou-se "matando várias pessoas".

Estavam agora perto de Montguyon, onde houve outro terrível duelo para a primeira posição. Stead em uma Dietrich e Salleron em um Mors, mantiveram-se juntos por cinco quilômetros. Subitamente os carros como se tivessem sido atraídos por uma força magnética, chocaram-se indo o De Dietrich cair no fôssco que havia ao lado da estrada. Stead viveu apenas uma hora após o acidente, o mesmo acontecendo com seu mecânico.

Madame Du Gast vinha correndo relativamente bem, quando resolveu parar para socorrer Stead, e desde aí não foi mais uma concorrente séria.

Um pouco depois de Libourne, duas vidas humanas foram sacrificadas para salvar apenas... um cachorro! Outro inglês, Lorraine-Barrow, em outra De Dietrich, procurando desviar-se de um cachorro, perdeu os controles do carro indo para fora da estrada, capotando.

Até hoje não se sabe com precisão o número de espectadores mortos na fantástica corrida.

Os boatos foram muitos. Primeiro um e depois outro competidor, foram entrevistados, mas não puderam precisar as emoções da partida, pois tudo ficou vagamente impresso em seus espíritos. Alguns morreram dos acidentes durante a competição, outros suicidaram-se.

Em Paris, houve uma reunião no Ministério do Interior, sobre o caso doloroso, mas não se chegou a decisão alguma.

Louis Renault foi o primeiro homem a chegar ao posto do controle de Bordeaux. Jarrott seguiu-o alguns minutos depois, distante muito dos outros que ainda corriam.

O ministro do Interior proibiu, afinal, a continuação da corrida, argumentando que "os competidores haviam transgredido os regulamentos".

A corrida entre Paris-Madrid não foi até ao fim. Se até Bordeaux haviam sido tantos os acidentes, imagine quando se chegasse às montanhas dos Pirineus?

Os promotores da corrida sugeriram que motoristas espanhóis completassem o percurso em solo espanhol, mas o governo espanhol disse "não" em quatro línguas. Os carros que tinham chegado até ali, não voltaram por seus próprios meios, sendo enviados de volta por via férrea.

Afinal, Gabriel foi considerado o vencedor, sendo que Louis Renaldt foi o que fez melhor tempo, vindo em terceiro e quarto lugares, respectivamente Mors e Jarrott, ambos em De Dietrich.

Desde aí, as corridas em longos percursos foram completamente esquecidas, e mesmo proibidas por lei.

Até hoje, somente se tem memória de uma corrida dessa categoria, que foi realizada no deserto de Saara, mas mesmo assim os seus competidores foram acusados como contraventores da lei.



ARNO FRANK, O MR. BROWN BRASILEIRO

Arno Frank, superintendente do Estádio do Maracanã e nas horas vagas... florista. Uma inteligência sempre a serviço da organização desportiva.

Uma pequena existência que durou 15 anos, toda ela dedicada ao sucesso sempre crescente do Fluminense — Na época das "Especializadas" o maior contacto com o saudoso mestre — Nos dias atuais representa o corpo e a alma da organização do maior estádio do mundo.

Texto de JORGE LEAL

Fotos de THEOPOMPO DO AMARAL

exercendo essa função durante cinco longos anos. Até que veio a reforma, que criou os cargos de chefe do Departamento Técnico e superintendente. A essa altura dos acontecimentos — a exemplo do que ocorrera entre Fred Brown e ele — o destino já colocara José de Almeida no seu caminho. Já havia alguém — uma terceira personagem — conhecedor igualmente do sistema do saudoso norte-americano, através de contacto directo com ele e conhecendo igualmente o método de Arno. Aconteceu assim o que tinha de acontecer: Arno Frank foi promovido à Superintendência, assumindo José de Almeida a chefia do Departamento Técnico. Ali está um dos fatores que talvez mais tenha concorrido para o desenvolvimento dessa associação modelar que se intitula Fluminense Football Club. Eis sem dúvida alguma uma das razões desse sucesso cada vez mais crescente da vida do único clube sul-americano detentor da honrosa Taça Olímpica: a sua organização incomparável, que faz inveja às congêneres, ressaltando a olhos vistos, a cada dia que passa, a cada nova prova que desejamos submetê-la. E o Fluminense deve grande parte disso à dedicação de Arno Frank, uma inteligência a serviço do esporte. Foram nada mais nada menos do que quinze anos de um trabalho ininterrupto. Digamos que se trata de uma pequena existência, toda ela dedicada ao querido clube. De qualquer forma, sejam quais forem as circunstâncias, o fato é que Arno Frank deixou no Fluminense mais do que a sua mocidade, porque ficou para sempre a marca indelevel da eficiência de seu trabalho, da sua capacidade organizadora. Prolongou em Alvaro Chaves a era de Fred Brown, assim como sucede agora, quando José de Almeida compensa a falta de Arno Frank, executando o mesmo serviço perfeito a estilo Fred Brown, Arno Frank e do próprio José de Almeida...

ARNO Frank nasceu para o esporte integrando a seleção paulista de basquetebol. Claro que isso ocorreu há muito tempo, quando o atual superintendente do Estádio do Maracanã era jovem, na época em que ele ainda reunia condições físicas para quarenta minutos de prática do jogo mais movimentado que pode haver: o cestebol. A esse tempo, o Fluminense havia contratado Fred Brown, técnico norte-americano que veio ao Brasil exclusivamente para organizar e dirigir todos os ramos do esporte, em Alvaro Chaves. Mr. Brown era então o técnico de basquetebol do tricolor. E viu Arno e conheceu Arno Frank, aquele que em futuro não muito distante viria a se constituir num prolongamento do seu próprio método de trabalho e organização. Somente mais tarde, todavia, eles iriam trabalhar juntos, Arno observando Fred, Arno Frank pesqui-

sando em seus mínimos detalhes o sistema incomparável de Fred Brown, tornando-se a si próprio uma espécie de papel-carbono do grande dirigente técnico.

UMA PEQUENA EXISTÊNCIA EM ALVARO CHAVES

FOI a 1.ª de março de 1935 que Arno Frank ingressou no Fluminense. Para trabalhar sem descanso pelo desenvolvimento sempre crescente desse grande clube, um dos maiores orgulhos do desporto nacional. E o fez na qualidade de técnico de basquetebol. Permaneceu cinco anos à testa do basquetebol tricolor. Veio 1938 e deixou aquela função, para assumir cargo mais importante, que reclamava sua assistência direta: a Gerência do grande clube. De 39 a dezembro de 43 tornou-se diretor técnico do grêmio das Laranjeiras,

A EPOCA DAS "ESPECIALIZADAS" PERMITIU UM MAIOR CONTACTO FRED BROWN-ARNO FRANK

E' SABIDO que a cisão no futebol carioca ocorreu em 33. Mas somente em 35 tivemos a fundação das diversas entidades especializadas, separando o futebol do basquetebol, este do volei, etc. E foi exatamente quando Arno Frank teve um maior contacto com o grande professor. Suas atividades no Fluminense eram noturnas, o que lhe permitia trabalhar na Liga Carioca de Futebol durante o dia, colaborando com Brown, a cargo de quem ficou a organização da parte técnica da referida entidade. Foi indiscutivelmente na época das "Especializadas" que Arno travou maior contacto com seu inesquecível mestre e amigo.

O MAIOR ÊXITO DE PINDARO...





Três flagrantes diferentes das atividades do dinâmico Mr. Brown brasileiro. 1) sempre consultando arquivos, completando-os, tornando cada vez mais fácil e eficiente o trabalho de guardar para todo tempo os mínimos detalhes de um fato qualquer; 2) Em companhia do major Geraldo Cortes, diretor da Inspetoria de Trânsito, traçando planos para solucionar o grave problema do estacionamento de veículos, dentro e nas proximidades do Maracanã e, finalmente, ditando cifras para um seu auxiliar registrá-las à máquina e extrair um total, que deverá forçosamente coincidir com as parcelas superpostas a lápis, pelo Sr. Superintendente.

CORPO E ALMA DO "GIGANTE DO DERBY"

CHEGAMOS finalmente a dezembro de 1950. Antes, Arno Frank já havia solicitado um pequeno período de licença, para colaborar com a Administração dos Estádios Municipais (ADEM), na organização dos diversos setores do Estádio do Maracanã, por ocasião do IV Campeonato do Mundo. Mas somente naquele mês, pediu demissão do Fluminense, para assumir as funções de superintendente da ADEM. Depois que já havia

saído a sua nomeação, como funcionário público, efetivo. Desde lá e sabe Deus até quando, vem sendo corpo e alma do "Gigante do Derby". O maior estádio do mundo precisou da assistência constante e indispensável de Arno Frank, o Mr. Brown brasileiro.

NAS HORAS VAGAS É NEGOCIANTE DE FLORES

Ai está um detalhe interessante, que surpreenderá ao próprio Arno Frank, com quem não precisamos falar sequer um minuto, para obtermos os dados desta reportagem. Aliás, bastou que recorressemos ao Departamento Técnico do Fluminense e lá, como fruto do seu próprio trabalho e com a colaboração gentil de José de Almeida, conseguimos tudo o quanto desejávamos. Esse detalhe, entretanto, foge à carreira de Arno dentro do esporte e envereda pela sua vida particular. E o de que nas horas vagas — se é que alguém que trabalha tanto como ele ainda pode dizer que dispõe de algum tempo — o Sr. Arno Frank, superintendente do Estádio do Maracanã, negocia com flores. Senão, tomem nota e comprovem a veracidade da informação: "Palácio das Flores". Evidentemente que esse estabelecimento está entregue à direção de Madame Arno Frank, mas não subsistem dúvidas, igualmente, de que o marido superintende o negócio. Temos então, um novo aspecto, uma nova visão: o Arno Frank "florista".



Juiz
em
1935



...E O SEU MAIOR FRACASSO

MAS ANTES DESSA INTERVENÇÃO MAGNÍFICA, PÍNDARO HAVIA FALHADO DA FORMA MAIS LAMENTÁVEL, EMBORA NÃO HOUVESSE EPILOGO PARA A JOGADA. FORA MINUTOS ANTES, QUANDO PÍNDARO TENTOU "MATAR" UMA BOLA.

MORAN ESTAVA PERTO E, RÁPIDO, PEGOU A BOLA DISPARANDO SOLTO PARA A ÁREA. AINDA HAVIA TEMPO PARA CORRER E PÍNDARO EMPARELHOU COM O URUGUAIO, MAS QUANDO IA TENTAR TIRAR-LHE A BOLA, CAIU ESPETACULARMENTE AO CHÃO —.

TUDO PERDIDO, MAS PARA SORTE DE PÍNDARO, DURAN NÃO TEVE CLASSE E, À FRENTE DO GOAL, MANDOU A BOLA FORA. FOI A MAIOR FALHA DA SUA CARREIRA DE JOGADOR DE FUTEBOL —.





SPORT E BELEZA — Numa praia da Califórnia, tem início um concurso para a escolha da nadadora de costas mais bonitas.



Os juizes logo chegaram a um acordo — eis a vencedora, com a taça que lhe coube por ter as costas mais bonitas.

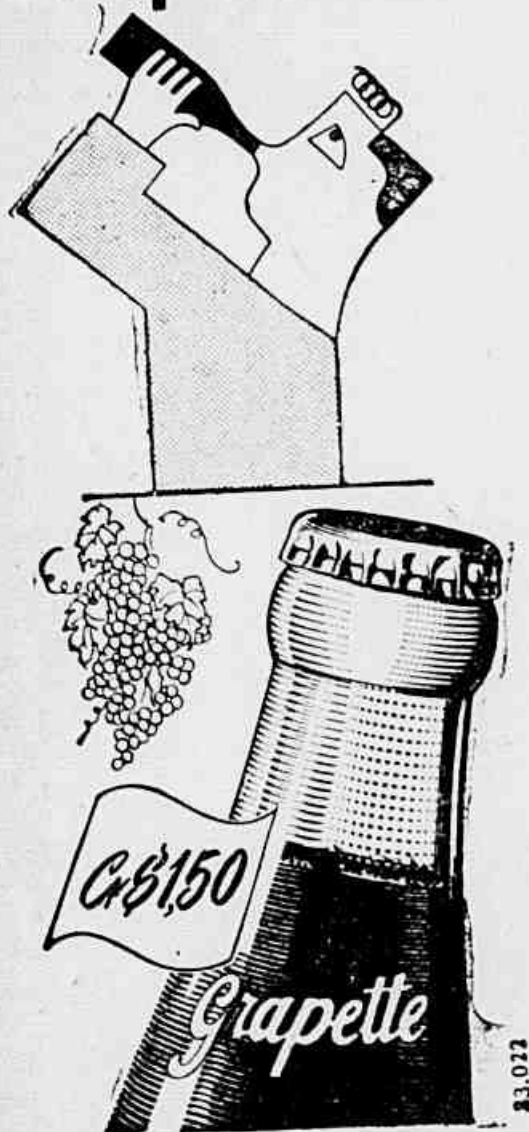


De resto, tudo nela é bonito. Mas os juizes afirmam que não se deixaram influenciar por outros prediados. Tanto assim que esta não venceu.



Tampouco esta, apesar de já ter ganho um concurso de perfeição física. Mas voltemos a observar a vencedora e concordemos com os juizes, mesmo sem lhe ver as costas.

quem bebe
GRAPETTE
repete...



BOLA USADA CARTAZ

QUERIDINHO DA MAMÃE

Provavelmente o melhor lutador da classe dos pesos-penas foi o incomparável Benny Leonard. Era chamado o "Queridinho da Mamãe" do ringue. Era um garoto pobre e brincava nas calçadas de um bairro pobre de New York, antes de fazer uma grande fortuna com suas lutas. Embora tendo bastante dinheiro agora, sua mãe sempre estava preocupada com ele, e todas as vezes que terminava uma luta, telefonava de onde estivesse, para dar notícias suas à mãe, e para dizer que estava ainda inteiro. E em todas as vezes, sua mãe fazia uma porção de recomendações, para que tivesse cuidado etc...

Da primeira vez que Benny lutou longe de sua cidade natal, obteve uma linda vitória por "knock out" e prontamente correu ao telefone para dar à mãe a novidade.

— Alô, Mamãe! gritou Benny no telefone.

— Alô, Benny! veio a resposta ansiosa da mãe — De onde você está falando, filho?

— Estou em Cleveland, mamãe, e acabei de derrotar outro adversário!

Quando Brandão, o famoso crack bandeirante, estava no apogeu da sua carreira, costumava-se dizer aqui que ele não era paulista e sim, fluminense. Mas um dia o próprio Brandão acabou com a questão, declarando que tinha nascido em Taubaté, em 21 de abril de 1910.

Sindelar, um jogador austriaco que assombrou os ingleses com as suas jogadas vistosas e eficientes quando contava já 35 anos, suicidou-se em 1940 por desgostos íntimos.

Foi em 1914 que se registrou o maior score na Taça Davis, quando Mac Soughlin, tenista norte-americano, venceu o australiano Brookes por 17 a 15, num jogo realizado em New York.

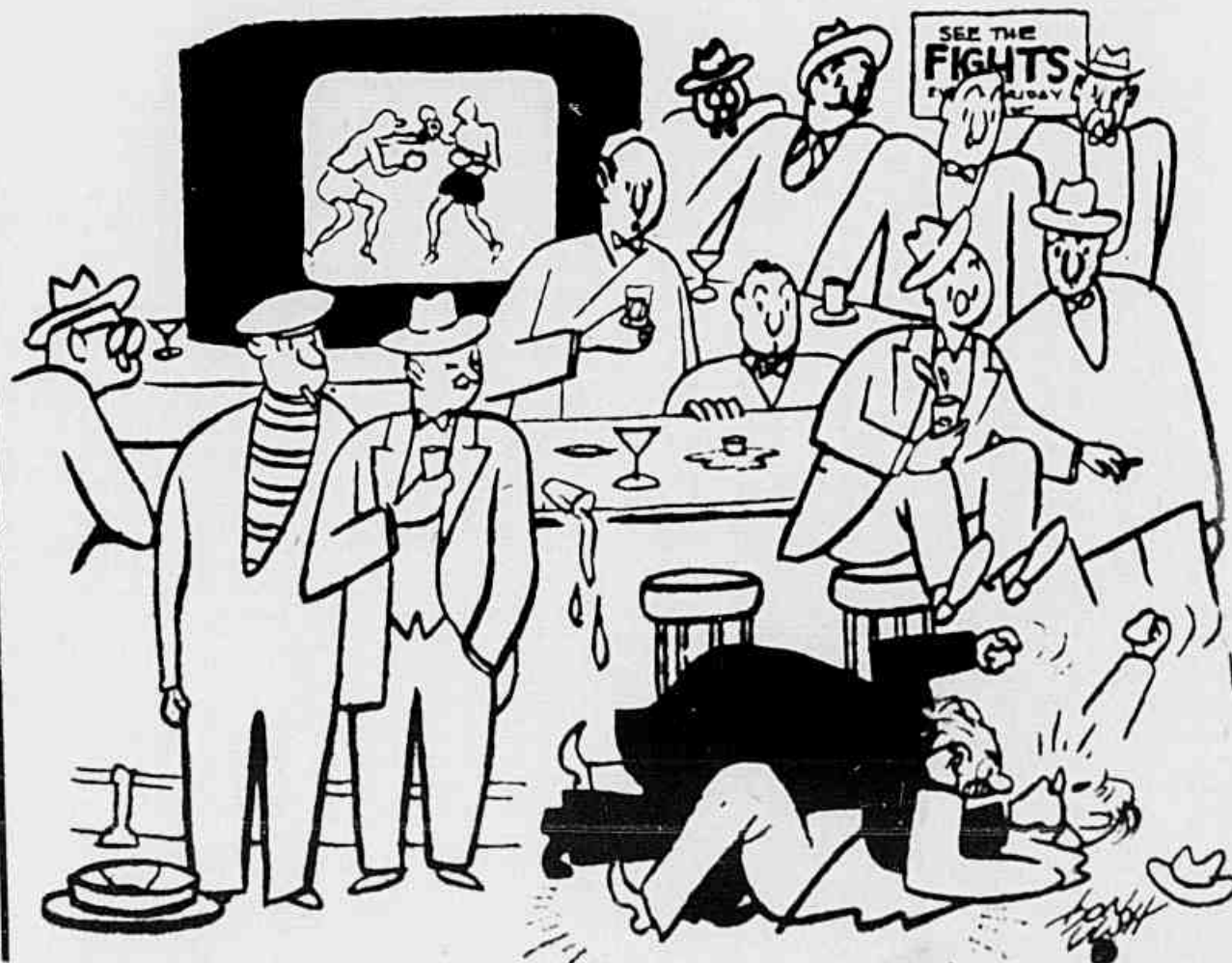
SABE?

- 1) Em que ano Zizinho ingressou no Flamengo?
- 2) Qual é a idade de Heleno?
- 3) Qual foi o pugilista que reuniu mais títulos de campeão?
- 4) Quem perdeu o título de campeão mundial para Primo Carnera?
- 5) Qual pesa mais — a bola de tênis ou de basebol?
- 6) O Botafogo já foi "lanterna" num campeonato carioca?

(Respostas na pág. 23)

10 GOALS

Quando o Paulistano visitou a Europa, em 1925, Friedenreich, então em sua melhor forma, marcou dez goals, ou seja, o maior número de pontos conseguido por um único jogador da equipe.



BILHETES DO LEITOR

De CARLOS ARÊAS

GILBERTO MOREIRA — Carangola — Minas — 1) — Friaça jogou aí em Carangola onde o Vasco o foi buscar, juntamente com Eugen, mas é natural de Porciúncula (E. do Rio). 2) — Heleno de Freitas é mineiro, de São João Nepomuceno. 3) — O Juvenal do Botafogo é mineiro, mas o Juvenal que jogou no Flamengo e hoje está no Palmeiras é gaúcho.

JAIME RESENDE — Estrêla do Sul — Minas — Desculpe mas os seus desenhos (cópias de Michel) de Danilo, Oswaldo, Zizinho e do trio Eli-Danilo-Jorge foram rejeitados.

HENRIQUE MULLER — Presidente Wenceslau — São Paulo — 1) — Infelizmente não dispomos dos dados completos sobre os jogadores paulistas. 2) — Neco o veterano meia do Corinthians jogou sempre pelo team dos calções pretos, sem conhecer outro clube, quase vinte anos.

EDSON HELT — Juiz de Fora — Minas — Não tenha receio. Se dos sete que ficaram na fila dois lá saíram, os outros cinco sairão também. Dê tempo ao tempo.

MAURICIO A. REBOUÇAS — Campos do Jordão — São Paulo — 1) — Em campeonato internacional, de verdade, oficial, não há substituições. E a Copa do Mundo está aí, para exemplo. Todavia, nos campeonatos sul-americanos têm sido permitidas essas substituições, excepcionalmente. De qualquer forma, em qualquer jogo que se permita substituições, o jogador que sai de campo não pode voltar mais. 2) — Não há proibição para a inclusão de jogadores amadores em seleções de profissionais. Nem limite de idade. 3) — A informação que o senhor teve não é exata. Ondino Viera continua cidadão uruguaio. 4) — Os últimos artilheiros principais dos campeonatos da cidade foram estes: 1950 — Ademir 25 goals, 1949 — Ademir 30 goals, 1948 — Orlando e Otavio 21 goals, 1947 — Dimas 18 goals, 1946 — Rodrigues 28 goals, 1945 — Lelé com 15 goals, 1944 — Geraldo 18 goals, 1943 — João Pinto 23 goals. 5) — As idades pedidas são estas: Castilho 23 anos e meio; Pindaro 26; Pinheiro 19; Pé de Valsa 26; Índio 31; Bigode 29; Lorenzo 32; Mario Faria 22; Santo Cristo 28 e meio; Carlyle 25; Silas 29; Orlando 27 e meio; Rodrigues 26; Didi 22 e meio; "109" 23; e Rubinho (o center forward) 26 anos. Os outros dados pedidos, sobre os scratchmen de 38, não temos em mão.

JOSÉ ARMANDO DE R. MARTINS — Ipiáu — Bahia — 1) — Jair tem 29 anos e nasceu em Barra Mansa. Apareceu no futebol carioca jogando pelo Madureira. Pas-

sou-se depois para o Vasco, juntamente com os seus companheiros de trio, Lelé e Isaias. Mais tarde ingressou no Flamengo e por último no Palmeiras, onde ainda está. Jair é campeão carioca pelo Vasco, campeão paulista pelo Palmeiras, campeão brasileiro pela seleção carioca e campeão sul-americano pela seleção brasileira, além de vice-campeão do mundo em 1950. No momento em que respondemos a este seu bilhete está nas finais da "Copa Rio". O seu endereço, no Palmeiras, é Avenida Agua Branca 1705 — São Paulo — Capital. 2) — O endereço do goleiro Claudio, no Flamengo, é Praça Mario Ribeiro s/n — Estádio da Gávea. 3) — Rejeitados os seus desenhos (?) de Chico, Adãozinho, Barbosa, Ademir, Maneca, Jair, Juvenal, Danilo e Zizinho.

CELIO PAES — Distrito Federal — Os resultados pedidos são estes: Campeonato de 1944: Turno: Botafogo 3 x Bonsucesso 0 e América 2 x Flamengo 1. Retorno: Botafogo 3 x Bonsucesso 0 e Flamengo 4 x América 1. Campeonato de 1948: Turno: Canto do Rio 2 x Madureira 1 e Bonsucesso 5 x América 1. Retorno: Madureira 3 x Canto do Rio 1 e América 0 x Bonsucesso 0. Torneio Rio-São Paulo de 1950: Palmeiras 3 x S. Paulo 2.

ALMIR GOMES — Olaria — Distrito Federal — 1) Obrigado pelas referências à esta seção. Quanto às sugestões serão estudadas. 2) — Aceitamos e publicamos desenhos de qualquer esporte, desde que satisfaçam às exigências técnicas normais. 3) — Rejeitados os seus desenhos de Pirilo, Garcia e Joe Louis. Com um pouco de boa vontade ficamos com os de Gighia e Chico Landi, na fila para publicação.

ORLANDO FREITAS TRANCOSO — Curitiba — Paraná — Rejeitados os seus desenhos de Augusto e Barbosa. Na fila, apenas à título de estímulo, ficou o de Ruy.

ELMO ALMEIDA FABRES — Itaquí — R. G. Sul — 1) — Parabéns pela sua proeza no bilboquet. Fazer 10.000 pontos seguidos é um bocado de pericia. 2) — Os dois locutores que o senhor cita têm mais ou menos a mesma popularidade. Quanto ao outro, não sabemos onde nasceu. O nosso fichário é praticamente de jogadores de futebol, apenas jogadores. 3) — Ao nosso ver Domingos da Guia não teve igual em sua carreira. 4) — De acordo com a sua opinião sobre Ademir.

SE NAO SABE...

5) Sim em 1923 (8.º lugar)
4) Jack Sharkey
3) Tony Canzoneri
2) 30 anos
1) 1936

É DE BRIGA!



Autêntica vocação para a violência, aos dois anos, o garoto enfiou-se nas luvas e desafiou o primeiro gigante que encontrou — o pai. Uma rápida troca de socos e aí está o resultado — vitória por K. O.!



Mas vejamos a fase inicial da tremenda batalha. Aqui está Alan Abreu — é o seu nome — aguardando o gong. O macaco que lhe deu Papai Noel serve de "segundo"



Como vêem, a coisa começou mal. Se não fosse o próprio adversário amparar-lhe, que queda não seria! Mas houve a reação imediata e o herói pôde posar de luva erigida sobre o pobre inimigo arrasado.

Velhice e Senilidade

A fraqueza e o esgotamento, tal como a epilepsia e a lepra, constituem um flagelo social. Múltiplas são as suas causas e muitos são os preconceitos que impedem o seu tratamento. Entre as causas da debilidade nervosa, cumpre salientar as mais comuns que são: doenças psíquicas e nervosas, oriundas de traumatismos morais ou desgostos profundos; esgotamento geral por excesso de trabalho físico e mental; deficiências metabólicas e finalmente, o fenômeno do infantilismo. Todas estas causas provocam violentos distúrbios no sistema glandular endócrino advindo daí a fraqueza.

Para debelar essa terrível moléstia cumpre, portanto, atacá-la na sua fonte imediata. As Gotas Mendelinas, para ambos os sexos, adotadas nos hospitais e receitadas diariamente por centenas de médicos ilustres, são energicas e sem contra-indicação, restauram, como por encanto, todas as manifestações nervosas, fazendo desaparecer a insônia, cansaço, irritabilidade, cacoetes, tristeza, no homem e na mulher, em suas diversas formas. Nas farmácias e drogarias locais. Distribuidores: Araujo Freitas & Cia., rua Cons. Saraiva, 41, Rio.

Quando o futebol acabar...

(Conclusão da pág. 17)

fama à custa de sacrifício próprio. O paranaense foi recusado no América porque "era baixo e tinha as pernas muito grossas e curtas..." Foi para a Gávea e recebia propina de Yustrich para chutar uma infinidade de bolas a goal, quando o arqueiro argentino se encontrava fora de forma. Dormia lá pela Gávea e por ali mesmo vivia. Fez do Flamengo sua vida e passou a viver pelo Flamengo. Acabou scratchman brasileiro e crack, e passou a viver pelo Flamengo. Já pensava em retornar ao Paraná, para iniciar vida nova, noutra profissão. Mas com o retorno de Flávio à Gávea — logo ele que era tão amigo do "professor" — não poderia deixar de atender ao pedido para que continuasse. E continuou, vivendo uma nova fase de sua existência, outra vez como astro de primeira grandeza, que voltou a brilhar, depois de quase já se ter ofuscado. Mas Biguá prefere

não revelar, pelo menos no momento, qual será o "batente", no futuro. Preocupa-se, nos dias atuais, exclusivamente com as cifras. Guardar o máximo, para compensar o bocado que esbanjou no princípio de suas atividades futebolísticas. O índio já criou juízo, felizmente. E toma todas as providências para responder, com confiança própria e segurança material, à velha e dolorosa interrogação que se encerra no destino de cada ser humano.

ATÉ BREVE

Mas o assunto é muito complexo e carece de mais funda apreciação. Por isso mesmo, a ele pretendemos voltar brevemente, com futuras e mais completas reportagens.

O que nos ensinou a COPA RIO

VIVEU o Estádio do Maracanã na tarde de 22 do corrente mês de julho o ambiente da partida final da Copa do Mundo. Com aquela mesma ansiedade, com aquela mesma expectativa, com aquela mesma vibração com que o público manifestou as suas esperanças de assistir a esperada vitória do selecionado brasileiro no maior concerto internacional de futebol. Todos os contornos, todos os aspectos e todas as circunstâncias daquele fatídico dia 16 de julho de 50, cercaram o sensacional match final, decisivo, da Copa Rio, agora reunindo o Palmeiras, campeão paulista, representando o futebol pátrio, e o Juventus, expressão máxima do "calcio", com poderes de representação do futebol italiano. De diferente havia, apenas, o título do certame, de Campeonato Mundial de Futebol para Torneio Mundial de Clubes Campeões, a formação das equipes, que não exprimiam a força poderosa de selecionados, e a nacionalidade dos adversários de nossos patricios. Tudo o mais que se viu e viveu teve semelhança perfeitamente igual ao ambiente intensamente dramático da final da Copa Jules Rimet. O público numeroso — não tão numeroso como naquele dia terrível que nada faz esquecer — vibrou de grande emoção diante da luta extraordinária, da energia e da bravura com que se digladiaram os adversários cobiçosos da conquista do valioso troféu que estava em jogo. E se os receios de um fracasso por parte do Palmeiras dominaram por algum tempo o pensamento de alguns, o espírito patriótico de outros, em maioria, firmado em renovação de esperanças que se transformavam em estímulo aos bandeirantes, traduziu bem o desejo de que a vitória desta vez nos pertencesse, como recompensa pelos sacrifícios e pelos prejuízos morais causados pela perda da última batalha da Copa do Mundo.

O PALMEIRAS, favorecido com o "handicap" de se tornar detentor da Copa Rio com o simples empate, desde que fôra vencedor da primeira peleja da série final, soube interpretar os sentimentos dos brasileiros e soube dignificar a responsabilidade que carregava de representante do futebol nacional, empenhando-se em uma refrega durante a qual preponderou pela alta classe e pelo espírito de combatividade dos seus integrantes, não dando absolutamente tregua ao Juventus, adversário cuja categoria respeitava, e que surgia, diante do público, como a melhor equipe estrangeira concorrente ao certame internacional. A vitória alcançada pelo campeão bandeirante — vi-



Fábio foi a revelação brasileira da Copa Rio. O simpático arqueiro firmou-se na constelação dos cracks

tória conquistada sem goals — teve contornos precisos e exatos de uma autêntica reabilitação do futebol brasileiro, porque ela foi produto de esforços conjugados, ela foi a resultante de um trabalho conjuntivo perfeito e eficiente, com os cuidados, os metódicos cuidados que exigiam a qualidade e a potencialidade de um quadro do valor de um Juventus, cujos elementos jamais deixaram entrever desânimo e desespero, jamais mostraram falta de capacidade para conquistar os mesmos lauréis que ambicionavam os palmeirenses.



Dirigentes e jogadores do Juventus cumprimentaram os brasileiros pela vitória. Aqui está Mari, abraçando Canhotinho no vestiário.

E DEVE-SE acentuar, em respeito à verdade, que o Juventus foi a melhor das seis equipes estrangeiras que participaram do Torneio Mundial de Clubes Campeões — e daí naturalmente o fato de haver chegado às finais depois de haver conquistado quatro vitórias e um empate. Vencendo, na fase de classificação, o Nice por três a dois, o Estrêla Vermelha pela mesma contagem, e o Palmeiras — o Palmeiras que acabou campeão do certame — por quatro a zero. E, depois, nas semi-finais, empatando com o Austria no primeiro match, por três a três, e vencendo-o no segundo prelio por três a um. E, assim, classificado em primeiro na "chave" de São Paulo, o Juventus chegou às finais, para disputar duas sensacionais partidas com o Palmeiras, que fôra segundo colocado na mesma "chave". E sendo a melhor equipe estrangeira concorrente, foi também o Juventus a equipe que soube mostrar ao público brasileiro uma variação extraordinária de técnica e de táticas no manejo da pelota, nas manobras de ação coletiva ou individual para enfrentar os seus mais fortes contendores. Revelaram-nos, os italianos, a despeito de que o seu preparador seja um inglês, uma técnica "científica" de jogo, na qual aproveitam o cerrado jogo de conjunto dos ingleses, mais vistoso, mais vibrante e mais movimentado, porém, cheio de passes curtos e magnífica combinação, viva e ardente, com a barreira quase inexpugnável do "ferrolho" suíço, uma defesa agindo integral com oito homens recuados, dos quais cinco, em face da destreza e leveza de movimentos, estarão também avançados nos momentos pre-

Coube ao Juventus exibir o melhor futebol entre os clubes estrangeiros participantes do certame

Misto da tática conjuntiva dos britânicos na ação ofensiva, com o "ferrolho" suíço nas manobras defensivas — Marcação cerrada para dificultar a penetração inimiga e ataques sólidos através de passes curtos e rápidos

Texto de VASCO ROCHA
Fotos de INDAIASSU LEITE

Uma cousa...



...exige outra



Polvilho
Antisséptico
GRANADO



cisos e épicos da ofensiva ao reduto contrário. A tática italiana da defesa foi o maior ensinamento colhido da Copa Rio — porque nos revelou um sistema defensivo difícil de transpor, uma resistência difícil de quebrar, uma tática defensiva que foi a maior barreira para a tática de deslocamentos profundos com passes metódicos e medidos do sistema ofensivo do futebol brasileiro. As penetrações se tornavam difícil em face da marcação cerrada dentro da área, de tal modo tão sólida que se tornava quase impossível o deslocamento e a entrega dos passes, e muito mais ainda a finalização com arremate potente. Na ofensiva, os italianos, se nada revelaram de novo — como o puderam fazer com relação ao sistema defensivo —, mostraram, todavia, que, como os nossos, trabalham em conjunto com passes curtos e rápidos para as penetrações, embora sem a constância e a frequência dos deslocamentos habituais dos nossos jogadores.

...

FOI essa a melhor lição técnica da Copa Rio. Praticamente, era provou a qualidade de resistência a que uma defesa pode impor a um ataque. Não se tratando embora de uma técnica revolucionária, por isso que se uniram nela a tática de ação conjuntiva dos britânicos sem a monotonia do jogo inglês, e o "ferrolho" helvético elevado a um nível correto de atividade defensiva, o jogo pôsto em prática pelo Juventus correspondeu perfeitamente à expectativa do público, que nada viu de melhor na atuação das outras equipes estrangeiras. O Austria mostrou-nos alguns valores individuais, mas no todo da ação coletiva, a técnica foi considerada como antiquada. Um quadro pesado como que plantado no campo, cabendo quase que inteiramente à linha intermediária o trabalho de agir em todos os setores da cancha — até mesmo penetrando para rematar em goal. O Estrela Vermelha como o Nice nada revelaram de novo. Apresentaram, mesmo, um futebol sem variação, de estilo já em desuso. O Sporting, campeão de Portugal, agradou mais. Pelo entusiasmo, pelo ardor combativo e pelo entendimento dentro do princípio de um futebol vibrante pela energia e pela rispidez, embora apegado ao padrão britânico. O Nacional foi o futebol uruguaio que conhecemos — sem a malícia e sem o efeito das grandes equipes orientais. Porque o Nacional apresentou um quadro em formação, de gente nova.

Dentro dessa apreciação sobre o que nos ensinou de novo a Copa Rio, só releva mesmo acentuar o que já fizemos com relação ao Juventus — um quadro extraordinariamente notável pelo que produziu e mostrou com a sua tática de batalha.

...

O PALMEIRAS, felizmente, desfez os receios dos brasileiros quando o Vasco da Gama foi eliminado do certame. O grêmio da Cruz de Malta era — por que não dizer — a esperança maior do futebol brasileiro. Esperança que se reduziu um pouco quando se verificou o desastre com Ademir. Produto de uma aventura financeira incompreensível, desde que o Vasco da Gama recusara uma excursão à Europa para melhor se preparar para a Copa Rio — o fato é que Ademir era apontado como elemento insubstituível na ofensiva vascaína. Parte dessas esperanças perdidas o Vasco soube recuperar com três magníficas exibições diante do Austria, do Sporting e do Nacional. Não conseguiu recuperar-se totalmente, porém, e diante do Palmeiras, nas duas partidas semi-finais, o clube de São Januário mostrou que não estava mesmo — sem Ademir, único desfale que na equipe — preparado para a árdua missão e grande responsabilidade de defender o prestígio do nosso futebol. E diante do que fez nas duas partidas contra o Vasco, recuperando-se de confiança entre a massa popular que lamentava a eliminação do Vasco, o campeão bandeirante assumiu os graves encargos de representar o "soccer" nacional em face do Juventus. Que o Palmeiras soube responder a essa confiança não se pode duvidar — aí está, em seu poder, a Copa Rio. As dúvidas eram naturais, justificadas — aqueles quatro a zero do torneio de classificação deixavam no espírito do brasileiro uma crueza interrogatória. Interrogação que, no final, transformou-se no ponto de exclamação das manifestações de regozijo, de júbilo e de satisfação pela conquista do título de campeão do Torneio Mundial de Clubes Campeões.

Parabéns, portanto, ao Palmeiras e ao futebol brasileiro pela realização do extraordinário feito, para cuja execução tanto concorreu o público com o seu incentivo e os seus aplausos entusiásticos e vibrantes.



Ademir com o pé engessado — produto de uma aventura que tão caro custou ao Vasco



Viola, o arqueiro do Juventus, foi o melhor guardião da Copa Rio



GRANDE
PRÊMIO

Brasil

5
DE AGÔSTO
1.000.000,00

1951

SWEEPSTAKE

5.000.000,00

Ronald

SUPERBALL DUPLO "T"

a pelota campeã!

OFICIAL NO I TORNEIO
MUNDIAL DE CAMPEÕES
(COPA RIO)



... verificando a perfeita conformidade com as exigências das regras internacionais...



Reafirmando a superioridade incontestada da SUPERBALL DUPLO T, a FIFA e a CBD, que em 1930 já haviam oficializado a famosa pelota brasileira no VI CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL, voltaram a oficializá-la no I TORNEIO MUNDIAL DE CAMPEÕES (COPA RIO).



e completa a aferição, apondo em cada uma a sua rubrica, atentamente assistido por Moreira Leite e Alberto Mendes.



Atento aos mínimos detalhes técnicos, o perito internacional Maurício Fucks confere, pesa e mede cada pelota SUPERBALL, destinada aos jogos da Copa Rio.



Superball

ORGANIZAÇÃO NACIONAL DE EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS



O QUADRO DO VASCO DA GAMA